



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FELIPE BENASSI MARTINS

**ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO RUGBY**

Londrina
2013

FELIPE BENASSI MARTINS

**ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO RUGBY**

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação Física na Educação Básica do Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Educação Física na educação básica.

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Victoria Palma

Londrina
2013

FELIPE BENASSI MARTINS

**ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO RUGBY**

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação Física na Educação Básica do Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Educação Física na educação básica.

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Victoria Palma

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Victoria
Palma
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, _____ de _____ de _____

“Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los.”

Isaac Asimov

MARTINS, Felipe Benassi. **Ensino do esporte na escola**: uma experiência a partir do rugby. 2013. 71f. Monografia (Especialização em Educação Física na educação básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

O esporte é um fenômeno que tem se expandido com extrema velocidade nos tempos modernos e passa a fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas, mesmo sem elas terem consciência disso. Em meio a isso, a Educação Física vêm ensinando o esporte já a algum tempo no ambiente escolar, quase sempre a partir de métodos tradicionais e que não consideram a gama cultural que envolve a escola e a subjetividade das pessoas, sendo assim, excludente e anti-democrático. Esses métodos não fomentam o exercício crítico do aluno e impedem-no de observar possibilidades de práticas diferentes daquelas que são vendidas pela mídia. Consideramos, neste trabalho, que a Educação Física precisa ressignificar seu olhar sobre esta situação caso queira caminhar no sentido de um ensino emancipatório, que forme sujeitos críticos e reflexivos capazes de mudar a sociedade ao seu redor. O objetivo deste trabalho foi construir diretrizes para o ensino do esporte fundamentadas em uma pedagogia crítico-reflexiva. Para isso nossa revisão teórica nos apontou caminhos para a construção das diretrizes que foram testadas durante o ano de 2013, em dez aulas em uma escola da rede privada de ensino da cidade de Londrina – PR, abordando o esporte como conteúdo, especificamente o rugby, escolhido por ser uma modalidade diferente e desconhecida por grande parte dos jovens. Todo o ensino foi registrado com o uso do Jornal de pesquisa (Barbosa; Hess, 2010) e o trabalho possuiu características etnográficas. Com a análise dos relatos do pesquisador e sua relação com a revisão bibliográfica pudemos estabelecer as seguintes diretrizes que o professor pode apoiar-se ao ensinar o esporte na escola: contextualização histórica, buscando que o aluno compreenda o esporte em seu espaço e tempo e perceba sua mutabilidade; vivência das atividades e debates, proporcionando a vivência de situações-problema para que o aluno reflita e troque experiências; reflexão sobre as habilidades motoras, para que o aluno compreenda e tome consciência de seu ser no esporte; problematização das atividades vivenciadas em grupo, que visa a socialização das experiências e conflitos durante as atividades; contextualização com a realidade social, evidenciando aos discentes a percepção sobre este fenômeno em seu meio. Notamos que o ensino do esporte pautado nestes princípios proporciona uma maior compreensão sobre o conteúdo e consideramos uma alternativa para o ensino tradicional que acontece em grande parte das escolas hoje em dia.

Palavras-chave: esporte, crítico-emancipatório, rugby, educação física, processo de ensino e aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ESPORTE	10
1.1 Esporte e seu vínculo à Educação Física	13
1.2 Crítica ao modelo esportivo	16
2 ENSINO.....	21
3 METODOLOGIA.....	28
4 DIRETRIZES PARA O ENSINO DO ESPORTE	32
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	33
4.1.1 Aula 01.....	34
4.1.2 Aula 02.....	35
4.1.4 Aula 10.....	38
4.1.5 Considerações sobre a diretriz	38
4.2 VIVÊNCIA DAS ATIVIDADES E DEBATES.....	39
4.2.1 Aula 01.....	39
4.2.3 Aula 04.....	40
4.2.4 Aula 05.....	42
4.2.5 Aula 06.....	42
4.2.6 Aula 07.....	44
4.2.7 Aula 08.....	44
4.2.8 Considerações sobre a diretriz	45
4.3 REFLEXÃO SOBRE AS HABILIDADES MOTORAS	46
4.3.1 Aula 04.....	46
4.3.2 Aula 06.....	47
4.3.3 Aula 07.....	48
4.3.4 Considerações sobre a diretriz	48
4.4 PROBLEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS EM GRUPO.....	49
4.4.1 Aula 01.....	49
4.4.2 Aula 02.....	50
4.4.3 Aula 05.....	50
4.4.4 Considerações sobre a diretriz	51

4.5 CONTEXTUALIZAÇÃO COM A REALIDADE SOCIAL.....	52
4.5.1 Aula 03, 09 e 10.....	52
4.5.2 Considerações sobre a diretriz	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS	59
Anexo A – Aula 01	59
Anexo B – Aula 02	60
Anexo C – Aula 03.....	61
Anexo D – Aula 04.....	62
Anexo E – Aula 05.....	63
Anexo F – Aula 06	64
Anexo G – Aula 07.....	66
Anexo H – Aula 08.....	68
Anexo I – Aula 09	70
Anexo J – Aula 10.....	72

INTRODUÇÃO

É consenso entre diversos autores (SÉRGIO, 1999; FREIRE, 1996, 2005; SAVIANI, 1992; MORIN, 2001; PALMA et al, 2010) que o ensino tradicional da Educação Física não respondem aos anseios do mundo pós-moderno, de modo que esta área de conhecimento entrou em crise na década de 80 e desde de então a produção científica da área tenta repensar o sentido de sua existência.

O tradicionalismo da Educação Física enaltece a concepção dualista de ser humano elaborada por Descartes, caracterizada por uma divisão entre corpo e mente que permeou o pensamento dos teóricos da área e indicou um caminho focado exclusivamente no corpo só, fazendo surgir uma série de teorias e procedimentos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento fisiológico e do movimento.

Para Descartes, o universo material era uma máquina. Não havia propósito, vida ou espiritualidade na matéria. A natureza funcionava de acordo com as leis da mecânica e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes. (SÉRGIO,1999, p.143).

A concepção cartesiana favoreceu uma posição acrítica sobre a existência humana e favoreceu que a Educação Física fosse *usada* por anos como uma ferramenta em busca do adestramento do corpo, eugenia da raça, higienismo e, mais recentemente, em favorecimento a uma pensamento esportivista. Baseada em um ensino tecnicista, centrado no professor como o portador do conhecimento, cabendo ao aluno o papel de espectador e a responsabilidade de adquirir de forma pronta e acabada.

Ao separar corpo e mente, separa-se também sujeito e pensamento, deixando ofuscada sua subjetividade e favorecendo o desenvolvimento de um ser não consciênte de sua relação com o mundo.

Todo movimento é carregado de intenção, cultura e significado, pensado e repensado a todo instante, sendo assim a Educação Física deve pensar o humano como um ser complexo, em que cada pessoa atribui diferentes significados à um determinado movimento. É sob a luz desta concepção que pensaremos o esporte que acontece durante as aulas na escola.

A Educação Física para o contexto escolar, possui caráter legal de acordo com artigo 3º da Lei de Nº 9.394 que afirma: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica [...]”, deste modo, o estado do Paraná possui um documento que apresenta as Diretrizes curriculares orientadoras da educação básica para a rede estadual de ensino em que aborda nosso tema de estudo, o esporte, como um conteúdo estruturante, afirmando que ao ensino deste fenômeno o ensino escolarizado deve:

Garantir aos alunos o direito de acesso e de reflexão sobre as práticas esportivas, além de adaptá-las à realidade escolar, devem ser ações cotidianas na rede pública de ensino. (PARANÁ, 2008, p.64)

Assim, o problema que norteou este trabalho foi sobre quais procedimentos de ensino deveriam ser adotados pelo professor para que o ensino do rugby, como uma possibilidade de esporte na escola, favoreça a formação de um sujeito crítico, autônomo e reflexivo. Desta maneira, tivemos como objetivo a construção de diretrizes que indicassem o caminho para o ensino deste fenômeno social nas aulas de Educação Física fundamentados em uma pedagogia crítico-emancipatória de modo que proporcione ao educando a possibilidade de compreender-se como sujeito em contraposição ao dualismo cartesiano e uma superação de um ensino tecnicista que não fornece suporte a um mundo em que a informação e os conhecimentos transitam de forma rápida entre os meios de comunicação.

Este trabalho organiza-se a partir de alguns capítulos de revisão teórica que nos deu fundamento para a construção das diretrizes. Assim em um primeiro momento foi feita uma revisão acerca do histórico do esporte e como ele se consolidou no mundo de hoje relacionando-o com a história da Educação Física para entendermos como ambos se vincularam fortemente. Em seguida, apresentamos a função social da educação e seus objetivos a partir de um ensino crítico, para entendermos qual o sentido do ensino do esporte na escola, para a posterior sistematização das diretrizes que devem nortear o ensino deste conteúdo. Deste modo, obtemos base para a elaboração das diretrizes que devem nortear o ensino do esporte na escola, sustentando assim a prática pedagógica que este trabalho se propõe a relatar.

Portanto, esta monografia aborda o esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física, dando continuidade e procurando avançar no tema iniciado em trabalho anterior (MARTINS, 2012) que buscamos construir bases teóricas para o ensino do rugby na escola, em que foram abordados temas sobre a função da educação, o processo de ensino e aprendizagem na escola e sobre a Educação Física que almejamos para poder ensinar este esporte.

Por fim, entendemos que este trabalho irá colaborar com a legitimação da Educação Física, pois poderá servir de suporte teórico para a prática pedagógica cotidiana dos professores que naturalmente devem abordar o esporte em suas aulas, de modo que essa prática seja fundamentada em conceitos educacionais recentes buscando a formação integral do aluno ultrapassando a barreira do ensino tradicional do esporte e virando seus olhares para um cidadão consciente.

Esperamos que a formação do sujeito a partir das aulas de Educação Física possibilite que este se entenda como ser humano social, que faz parte do mundo, que se movimenta intencionalmente, em uma constante simbiose entre “corpo e mente”.

1 ESPORTE

Neste primeiro capítulo trataremos do esporte e seu caminhar histórico para compreender como se consolidou em nossa sociedade, posteriormente veremos o processo histórico da Educação Física e suas diversas “funções” na escola para entendermos como este fenômeno vinculou-se fortemente à esta área. Então, apresentaremos os problemas que um ensino ultrapassado que proporciona somente a noção superficial de esporte nas aulas, pode causar na formação dos alunos nos dias de hoje.

Hoje a Educação Física compreende o esporte como um conteúdo que deve ser ensinado de forma sistematizada nas escolas e contribuir na formação de um cidadão emancipado e consciente do mundo ao seu redor, entretanto essa concepção é recente e nos primórdios nossa área tratava-o de forma acrítica superficial, expalhando todos seus costumes, vícios e tendências sem a devida reflexão. Essa atitude refletiu em uma prática distribuída nas escolas fomentando o esporte competição e sua disseminação como produto. É sobre essa situação que iremos refletir neste primeiro capítulo e voltaremos a tratar da Educação Física após uma breve reflexão sobre o esporte e seu processo histórico.

O esporte é um fenômeno da cultura que atingiu um estágio bem enraizado em nossa sociedade a permeia em todos os âmbitos. É fácil encontrar uma roda de amigos debatendo sobre algum esporte, normalmente o futebol, ou praticando em alguma forma, seja por puro lazer ou por competição. Nos telejornais, propagandas, mídia eletrônica entre outras, dificilmente há como fugir deste fenômeno, ele aparece na forma de produto e invade a vida das pessoas. Em ano de mega eventos o calendário político é alterado, as escolas ficam sem aula, feriados surgem e o esporte faz parte da vida de todo mundo.

Este fato nem sempre ocorreu desta maneira, jogos e brincadeiras foram os precursores do esporte e estiveram presentes em vários momentos da história da civilização, sofrendo influência das práticas pré-históricas de sobrevivência até recentemente sendo utilizado de forma política, como veremos ao longo deste trabalho. Assim, esta manifestação continui sofrendo transformações em cada época de acordo com o contexto histórico-político.

Para melhor compreensão das relações propostas por este trabalho, faremos um resumo dos processos que transformaram o esporte até o que

conhecemos nos dias de hoje.

Segundo Tubino (2010), o esporte, no seu foco histórico pode ser dividido em três categorias. Da antiguidade até a primeira parte do século XIX foi o período do Esporte Antigo; Após 1820, com Thomas Arnold institucionalizando as práticas esportivas existentes e codificando-as por meio de regras e entidades, encontramos o Esporte Moderno; Somente no final da década de 1980, a partir da aceitação do direito de todos ao esporte, tem início o Esporte Contemporâneo.

Diversos autores (DIEM, 1966. UEBERHOST, 1973. EPPENSTEINER, 1973 apud TUBINO, 2010), debatem sobre a origem do esporte, os argumentos mais comuns são de que a história do esporte é íntima da cultura humana e que em cada época os povos tiveram seus esportes característicos, baseados nesta teoria é justificado que sua origem é pela busca do conhecimento do homem na natureza e vida comunitária.

“Na antiguidade as práticas esportivas eram muito diferentes das atuais e possuíam caráter utilitário relacionado com a sobrevivência (natação, corrida, caça)” (TUBINO, 2010). Foi quando sugeriram os Jogos Olímpicos da Antiguidade, que eram celebrados em Olímpia em homenagem à Zeus, de quatro em quatro anos, as principais provas eram corridas de fundo, luta, pentatlo, corrida de quadrigas, corrida de armas entre outras.

Com a ascensão do império romano, as práticas gregas foram diminuindo, ficando restritas aos espaços de higiene corporal (thermas) e ao cenário dos jogos circenses, deturpando o sentido anterior e fomentando o combate entre gladiadores. Com a Idade Média e Renascença as manifestações esportivas ficavam cada vez mais violentas a partir de alguns jogos como o Torneio Medieval, as Justas, a Soule e o Calcio Fiorentino que é também um precursor do futebol.

Autores como Dunning e Sheard (2005), Collins (2009), Tubino (2010) apresentam que o esporte Moderno somente surgiu quando Thomas Arnold, diretor do Rugby College, passou a sistematizar e codificar em regras os esportes que estavam surgindo. Na época era jogado uma derivação do *Folk-Football*, este jogo tinha uma meta em que os jogadores podiam usar pés e mãos para manipular a bola. A divergência de como seriam as regras, fez com que surgissem a *Football Association* e a *Rugby Football Union*, dando origem ao associacionismo, que posteriormente foi implementando a ética esportiva e o *Fair Play*. Este momento histórico coincide com o período da revolução industrial, as atividades industriais e

comerciais exigiam muito dos trabalhadores da época, assim o esporte foi utilizado com objetivo higiênico e recreativo.

Os Jogos Olímpicos modernos deram grande populsão ao esporte e prevaleceu a ética e o jogo limpo, até a década de 30, quando Hitler decidiu por fazer uso político destes jogos para promover a hegemonia ariana. Assim nos jogos decorrentes o esporte passou a ser palco de uma disputa entre supremacia socialista e capitalista, deixando de lado o jogo limpo e focando em atingir a vitória à qualquer preço. O uso do político era tão presente, que proporcionou diversas maniações nos anos posteriores, como: atletas israelenses que foram sequestrados durante os jogos de Munique (1972); Boicote dos Estados Unidos contra a União Soviética nos jogos de Moscou (1980); Boicote da União Soviética aos jogos Olímpicos de Los Angeles (1984); entre outros.

Este novo viés do esporte e a busca incessante pela vitória foi dando feições ao Esporte Contemporâneo, caracterizado pela criação do Movimento “Esporte para Todos” (EPT), das maniações internacionais e pela adesão de acadêmicos do mundo todo às questões do esporte.

O EPT deu outra roupagem à concepção deste fenômeno, compreendendo que ele não era restrito somente aqueles com talento esportivo e biotipo adequado, mas que era direito de todos. Os manifestos internacionais, semelhante ao EPT, defendia que o esporte não era somente rendimento, mas que existe um esporte na escola e um esporte do homem comum. Segundo Tubino (2010), outra reação ao “chauvinismo pelos resultados” foi o surgimento dos intelectuais, sociólogos, filósofos e cientistas políticos principalmente, preocupados em desintoxicar as práticas esportivas de vícios, deformações e ilícitos que apresentavam.

Em 1976, aconteceu a I Reunião de Ministros do Esporte em Paris e decidiram que a UNESCO se responsabilizaria por organizar e elaborar um documento para resolver e centralizar a questão do esporte. Deste modo, em 1978 foi publicada a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, reconhecendo que as práticas esportivas são direito de todas as pessoas e marcando o advento do Esporte Contemporâneo. A partir daí, o esporte abrangia todas as camadas sociais, entrando definitivamente na escola.

1.1 ESPORTE E SEU VÍNCULO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física tem sido compreendida historicamente pelo senso comum como uma área de atividade na escola que possui os mais diversos objetivos. Usualmente, esta área, é vista pelo senso comum como um momento de descontração em que o aluno sai do ambiente de aula para descarregar seu estresse através de jogos, brincadeiras e atividades esportivas. Ademais, com o advento da tecnologia que proporciona ao indivíduo a possibilidade de passar grande parte do tempo parado, a Educação Física é vista também como o momento no qual os alunos são obrigados a praticar atividades físicas para combater o sedentarismo e buscar a saúde.

Observamos também a visão errônea, e muito comum, de que as aulas servem para desenvolver o potencial esportivo dos alunos. Esses equívocos partem dos sujeitos fora da escola e principalmente dos envolvidos com a ela, dificultando a superação desta crise. Esta tendência de pensamento se dá principalmente em decorrência do processo histórico que a Educação Física percorreu.

Segundo CASTELLANI FILHO (1991 pg. 31),

[...] passamos a admitir como verdadeira a premissa de ter sido de competência da Educação Física, ao longo de sua história, a representação de diversos papéis que, embora com significados próprios ao período em que foram vividos, corroboraram para definir-lhe uma considerável coerência na sequência de sua atuação [...]

Portanto, este autor nos mostra que nossa área historicamente exerceu uma série de papéis e que “nem sempre apontavam na direção das conquistas de melhores condições existenciais para todos”. O seu grande interesse pelo esporte foi um desses momentos, que perdura até hoje norteando a visão dos agentes envolvidos nessa disciplina escolar.

Em seu primeiro momento a Educação Física foi legitimada a partir da seguinte lógica: segundo SOARES et al (2012), a Europa na transição do século XVIII ao XIX, constituiu-se em palco da construção e consolidação de uma nova sociedade, a capitalista, nesta ordem econômica os exercícios físicos passam a ter maior importância pois era necessário desenvolver um novo homem, mais forte, ágil e empreendedor. Dessa maneira, cuidar do corpo significava também cuidar da nova sociedade em construção, uma vez que a força de trabalho produzida pelo corpo era

fonte de lucro.

Assim, de acordo com Soares et al (2012), inicialmente foram os movimentos ginásticos que estiveram mais presentes na Educação Física para desenvolver o corpo saudável e apto a colaborar com a sociedade seja no trabalho ou no âmbito militar, estes movimentos se disseminaram por toda a Europa em formas diferentes. Posteriormente um movimento higienista adquire maior importância nesta área, em que o profissional adquire um papel de autoridade perante um conhecimento de ordem biológica por ele dominado e passa a ter a função de desenvolver a aptidão física dos indivíduos. No Brasil, essas aulas são ministradas por instrutores do exército que levaram para a universidade e a escola os rígidos métodos militares da disciplina e hierarquia, fato que contribuiu em grande parte na roupagem que a Educação Física possui até hoje, tendo em vista que diversos professores foram formados por sujeitos que adotaram estes comportamentos.

De acordo com CASTELLANI FILHO (1991), a história da Educação Física no Brasil, em muitos momentos se confunde com a dos militares. E falar desta área de conhecimento, é levar em conta as influências sentidas pelas instituições militares, que, “sabemos ter sido elas as que se mostraram mais sensíveis à influência da filosofia positivista” (pg. 37). Visando sempre a “Ordem e Progresso” com condutas que conduzem à maior eficiência, otimização da ação e maior probabilidade de êxito.

Sendo assim, como as aulas eram ministradas pelos militares, a Educação Física começa a caracterizar-se como um momento de obediência e disciplina na escola, reproduzindo a rotina do quartel. Condutas que compreendemos atualmente que cerceiam a subjetividade dos alunos e não colaboram para a formação de um sujeito emancipado.

De acordo com PARANÁ (2008), a partir de 1930, o esporte começou a se popularizar e passou a ser um dos principais conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física, no intuito de promover políticas nacionalistas, houve incentivos às práticas a partir da criação de grandes centros esportivos, importação de especialistas e criação do Conselho Nacional dos Desportos. Deste modo, as aulas assumiram um caráter de rendimento, competição, comparação de recordes, alta regulamentação e racionalização por meio de técnicas, fazendo professores

adotarem condutas de reprodução de códigos esportivos nas aulas, fazendo a escola ficar repleta de atletas.

Dentro deste contexto, notamos que os militares se apropriaram deste fenômeno originário da Inglaterra. Assim, o esporte que estava na escola, começou a ser compreendido como colaborador na lógica de expansão industrial e do capitalismo e passou a contribuir em contexto nacional. De acordo com Palma et al (2010)

O golpe militar de 1964 foi um grande aliado para eliminar os obstáculos para a expansão do capitalismo internacional, em que a concepção de eficiência e tecnicismo procurou moldar o ensino e direcionar a Educação Física para o esporte. Essa fase é propícia para o esporte, pois as indústrias, a urbanização e os meios de comunicação em massa estão em pleno desenvolvimento. As competições esportivas, tanto na prática social, quanto nos currículos escolares, são voltadas para a educação do indivíduo para a obediência de regras e ensinam a vencer por meio do esforço individual, convivendo, assim, com vitórias e derrotas. Os princípios que norteiam o esporte são os da racionalidade, eficiência e produtividade, que acabam reordenando a Educação Física na escola. (p. 41)

Isso fez com que uma prática focada na ginástica até então, tomasse forma em direção à uma esportivista passando a ser considerada como uma evolução nesta área, pois segundo Betti (1991) os exercícios que eram propostos pelos militares inibiam a liberdade dos alunos. De acordo com Palma et al (2012), o foco era a *performance* esportiva, na ordem da produtividade, eficiência e eficácia, pois eram inerentes ao modelo de sociedade brasileira do contexto.

Para Soares (2012 pg. 54) o esporte passa a determinar o conteúdo de ensino da Educação Física, modificando as relações entre professor e aluno que antes eram de professor-instrutor e aluno-recruta, para professor-treinador e aluno-atleta. Os professores passavam a ser contratados pelo seu desempenho na atividade esportiva. Estes princípios eram sustentados pela pedagogia tecnicista que foi muito difundida no Brasil na década de 70, com pressupostos de neutralidade científica e reforçando o trabalho escolar como objetivo e racional, assim, no âmbito escolar algumas consequências foram a divisão de turmas por sexo respaldada pela legislação.

Assim, esta noção que durou um certo tempo contribuiu para a construção de um novo contexto que tomou conta da Educação Física, colaborando para formar grande parte dos conceitos comumente encontrados na maioria das escolas brasileiras hoje em dia.

Até então, a Educação Física caminhou por seu momento ginástico e

posteriormente esportivista, essas mudanças ocorridas em curtos períodos contribuem para a formação de uma concepção incerta sobre essa área, refletida nos dias de hoje, então após estes períodos, segundo Soares (2012) na década de 70 e 80 surgem movimentos “renovadores” na Educação Física, formando novas concepções sobre seu papel na escola.

Palma et al (2012), nos mostra, que nesta perspectiva começam aparecer as críticas à pedagogia tecnicista com uma concepção humanista pautada uma filosofia em torno do ser humano, sua identidade e valor. Assim, o movimento Esporte para Todos (EPT) surge para suprir uma necessidade de democratizar o esporte e o lazer e fazê-lo alcançar a camada da população não dominante, opondo-se por hora ao pensamento predominante focado no rendimento esportivo.

Ainda se destaca um movimento denominado psicomotricidade, baseado na interdependência do desenvolvimento cognitivo e motor, criticando assim, a visão dualista do homem, hegemônica até então (PALMA et al, 2010). Assim, somente a partir do final dos anos 1980, a compreensão de homem como ser social, influenciado pelo meio, começa a surgir. É quando a educação volta-se para a camada popular e passa a ser pensada democraticamente alterando seus objetivos e passando a ser compreendida como formação de um ser humano crítico. Essas diversas mudanças contribuíram para uma crise de identidade dessa área.

Mesmo com esses movimentos na tentativa de uma ressignificação da Educação Física, notamos que o esporte manteve-se fortemente vinculado às práticas pedagógicas até hoje.

1.2 CRÍTICA AO MODELO ESPORTIVO

De acordo com Kunz (2006),

Pode-se perceber que a Educação Física brasileira, especialmente dos últimos dez anos, encaminha-se para um desenvolvimento cada vez mais diferenciado em relação à sua prática. De um lado, persiste o modelo tradicional que pretende preservar os objetivos básicos da disciplina conforme previstos nas próprias legislações oficiais, os quais se configuram, basicamente, no desenvolvimento das modalidades esportivas e por intermédio deste a consecução de metas sócio-educativas como o fomento à saúde e a formação da personalidade. Por outro lado, ocorre cada vez mais intensamente o desenvolvimento de projetos para uma Educação Física Escolar comprometida com finalidades mais amplas; ou seja, além da sua especificidade, deve ainda se inserir nas propostas político-educacionais de

tendência crítica da educação brasileira. (p. 11).

Este autor nos aponta que de fato a Educação Física passa, já faz algum tempo, por um processo de ressignificação. De modo que não é estranho que apareçam diversas teorias para tentar encontrar o objeto de estudo dessa área, algumas bem aprofundadas nas questões sociais que consideram o ser humano a partir da complexidade, enquanto outras continuam a conceber o esporte somente como produto e tratando a pedagogia como um marketing para inserir em escolas para conquistar atletas ou consumidores.

Neste capítulo tratamos de conceituar o histórico do esporte e como se vinculou formentemente à Educação Física. Então, procuraremos compreender as consequências que este fato gerou até hoje na formação dos cidadãos e da rasa compreensão do fenômeno esporte que ainda permeia as aulas de Educação Física. A partir disso apresentaremos a compreensão crítico-emancipatória da Educação Física ao tratar o esporte na escola, pois compreendemos que esta teoria nos indica um melhor caminho a ser trilhado em nossas aulas.

Não é estranho observarmos aulas de Educação Física extremamente repetitivas, tratando somente do esporte como conteúdo, muitas vezes abordando os quatro clássicos (futebol, handebol, basquetebol e voleibol) em todos os anos de escolaridade ou então lidando com o esporte de forma extremamente superficial e reprodutiva.

De acordo com Kunz (2006 p. 22) o esporte como compreendido hoje, com finalidades de alto rendimento apresenta vários problemas. Um deles é o próprio princípio do esporte, que é a sobrepujança e as comparações objetivas e gerando princípios de seleção, especialização precoce e da instrumentalização do sujeito, fazendo que o movimento no esporte seja cada vez mais normatizado e padronizado. O outro, relacionado ao primeiro, diz respeito a organização do espaço físico e os materiais utilizados para a sua prática. Deste modo, atualmente para qualquer situação que o esporte é praticado e seu motivo, a tendência é a normatização e padronização da prática, cerceando assim um horizonte de possibilidades de movimentos que podem ser realizados, coibindo a subjetividade dos indivíduos na prática do esporte.

Para o aperfeiçoamento do esporte como conhecemos são investidos valores extraordinários em pesquisas e aplicação das mesmas. Deste

modo, a ciência possui seu papel na instrumentalização dos indivíduos. Segundo mesmo o autor,

[...]a ciência que está à sua disposição não é uma ciência com interesse no ser humano ou na dimensão social do esporte mas com um interesse tecnológico e de rendimento. Essa ciência torna os indivíduos praticantes deste esporte como objetos de manipulação, objetos à sua disposição, para “trabalhá-los” de forma extrema a eles próprios, ou seja, sem a sua participação efetiva na busca de soluções para o aperfeiçoamento físico-técnico. A participação subjetiva dos praticantes do esporte de alta performance fica cada vez mais reduzida aos atletas de elite, conforme a dinâmica das “fábricas de campeões”, que são os modernos centros de treinamento esportivo. (2006, p.23).

Compreendemos que esta situação colabora para transformar a percepção da população sobre esse fenômeno, fazendo assim com que os sujeitos somente entendam o esporte como um produto acabado e não enxergando as diversas possibilidades que envolvem, nem as dimensões políticas e culturais envolvidas.

Assim, o esporte passa a ser um complemento de peso no que os teóricos da teoria crítica da escola de Frankfurt comentavam, a existência instrumental. Para Kunz (2006) o esporte de alto rendimento segue o mesmo raciocínio que as sociedades industriais, em que o homem é “excluído” pela automatização e pela mecanização dos modernos aparelhos de produção, no qual se vê submetido aos ditames da máquina e da aparelhagem técnica, tirando seu espaço para iniciativas próprias e criativas. A diferença é que neste fenômeno, o homem não é substituído pela máquina, ele se transforma nela, em busca de rendimentos. Neste processo de racionalização o movimento se reduz a ações regulamentadas e padronizadas que se orientam em grandezas mensuráveis e abstratas, os movimentos acontecem de forma igual independente das emoções e do fator subjetivo do ser humano, como, medo, esperança, alegria, entre outros.

Devemos observar também que o esporte atua como um componente de formação ideológica que acaba ofuscando os reais interesses das pessoas, pois

Quando um número muito grande de instâncias formadoras de consciência ideologicamente falsa age sobre uma mesma instituição, no caso o esporte, os agentes (no caso os praticantes) podem ser

iludidos sobre seus próprios interesses verdadeiros. Marcuse (1955) foi um dos primeiros a denunciar que os efeitos ideológicos da dominação não se enraizavam historicamente, apenas, nas condições socioeconômicas, mas também nas estruturas das necessidades que constitui a disposição e a personalidade de cada indivíduo. Assim, as instâncias geradoras de ideologia de dominação, anteriormente referidas, conseguem formar nos indivíduos uma “segunda natureza”, formada de interesses, desejos e necessidades que não são mais resultado da natureza individual e social de cada um, mas são “formados” pelas agências ideológicas. (Marcuse, 1955; Adorno, 1967 apud Kunz, 2006, p. 27).

Assim, depois de toda análise histórica presente neste trabalho podemos notar que o esporte como está sendo ensinado na escola, desempenha um grande papel de formação ideológica nos alunos, ofuscando os interesses subjetivos e os direcionando para uma sociedade de consumo de padrões, pois, o esporte para ser praticado nos padrões e princípios do alto rendimento, requer exigências que cada vez menos pessoas conseguem dar conta, mesmo assim é o modelo que todos querem seguir.

Esta situação vai de encontro a uma prática pedagógica vivenciada na escola em que tive a oportunidade de ensinar a ginástica aos alunos do nono ano. Ao apresentar alguns vídeos diferenciando as ginásticas pude perceber que os jovens tinham noção extremamente estereotipadas sobre essas práticas e carregadas de preconceitos homofóbicos e relacionados ao gênero, semelhante ao que acontece no esporte. Explicando que no curso de Educação Física na faculdade os alunos vivenciam práticas de ginástica rítmica, formando coreografias com os materiais fui questionado se os homens também participavam. Ao explicar que sim e dizer que não haveria problema nenhum em executar os movimentos rítmicos o jovem ficou perplexo. Argumentava de todas as formas que homens não podiam praticar este tipo de ginástica, que não poderiam competir e que era somente de mulheres. A aula terminou e apesar de muito esforço, o aluno não compreendia que é somente o fator cultural que define esta ginástica somente para um gênero e que não é impossível que homens a pratiquem de maneira muito semelhante.

Assim, este relato serve para refletirmos sobre a noção que os jovens possuem na escola e perceber que é urgente que a Educação Física passe a tratar o esporte de forma complexa lidando com seus aspectos político, histórico, econômico e culturais. Para Palma et al (2010) o ensino dos conhecimentos na escola, no caso o esporte, não deve se reduzir a um simples armazenamento de

informações, ou ainda apenas propiciar momentos de práticas estéreis, mas constituir-se como situação privilegiada para a reelaboração de conceitos e definições, atitudes, valores e habilidades de pensamentos, que poderão implicar numa prática social consciente e inovadora. Assim, finalizamos este momento chamando a atenção para que o esporte seja tratado de outra maneira, como um conteúdo que abrange seus diversos aspectos, que serão tratados no próximo capítulo.

2 ENSINO

Em nosso primeiro capítulo procuramos compreender o fenômeno esporte a partir de sua trajetória histórica e os motivos pelo qual este se vinculou tão forte à Educação Física, em seguida, recorreremos a alguns autores para entender os danos que esta tendência causa no ensino escolar e na formação dos jovens e em sua preparação para a vida como um sujeito crítico e autônomo.

A partir de agora, nos apoiaremos em autores que discutem o esporte, a pedagogia, a Educação Física e sua legitimação social para que possamos apresentar uma alternativa ao ensino esportivista que está presente em larga escala nas escolas do nosso país e passar a compreendê-lo como uma possibilidade de intervenção pedagógica, ao lado das diversas manifestações da motricidade humana que devem ser ensinadas na escola, como os jogos, as lutas, as brincadeiras, a expressão rítmica, corpo e saúde, entre outras.

O esporte no âmbito educacional, a partir de uma perspectiva crítica da educação, deve estar mais ao lado da pedagogia e na formação do ser humano do que no rendimento e aperfeiçoamento de habilidades. Todavia, é preciso compreender que um completa o outro. Tanto o ensino do esporte de rendimento deve apoiar-se em teorias pedagógicas, como seu ensino como um conteúdo deve apoiar-se, também, nas ciências que fundamentam o esporte de rendimento.

Para compreender esta visão sobre o esporte, em que deixa de ser treino ou passatempo e passa a receber trato pedagógico dentro das escolas, é necessário entender que,

[...]o ensino deve proporcionar ao educando a abstração dos saberes científicos e culturais, superando o senso comum e partindo para uma argumentação crítica e fundamentada. Deve exercer a função socializadora tendo em vista que possibilita ao estudante situar-se e entender-se como sujeito histórico e cidadão (PALMA, 2008).

Assim, é possível compreender que o simples ensino ou treino de habilidades motoras e fundamentos durante aulas de modo repetitivo nos anos escolares, vai na contramão de um ensino que proporcione a formação de indivíduos autônomos¹. Para lidar com esta situação é necessário que o professor de Educação

¹ Ser humano autônomo é aquele que consciente de seu inacabamento, busca compreender melhor a realidade em que vive, encontrando seus limites e necessidades. Para isso o sujeito deve buscar e construir seu conhecimento a partir de suas vivências e decisões. "O domínio da existência é o

Física compreenda seu papel como educador tendo plena consciência da função da escola na sociedade e de como lidar com os conhecimentos inerentes a área.

De acordo com Palma et al (2010), o homem criou a escola com o intuito de preservação da cultura e dos conhecimentos gerais produzidos historicamente, para que fosse transmitido de uma geração à outra, um repertório cultural que possibilitasse a continuidade de uma determinada cultura².

Esta é a natureza da educação, uma prática essencialmente humana e desde sua institucionalização possuiu diversos objetivos, transformando-se durante a história. Essencialmente podemos afirmar que, assim como o esporte, e a Educação Física, a educação em geral contribuiu com diversos objetivos políticos de uma maneira que impossibilitava os sujeitos de sua apropriação crítica. Assim, defendemos neste trabalho uma educação que proporcione ao educando uma apropriação da realidade ao seu redor, que facilite uma visão crítica dos teores sociais e políticos dos fenômenos estudados, entre eles o esporte, possibilitando uma posterior ação consciente sobre eles, ou seja a emancipação do sujeito.

Para Kunz (2006), emancipação é o processo de libertar os jovens das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação.

Houve várias maneiras de efetivar o processo educativo durante a história, segundo Mizukami (1986), diferentes formas de aproximação do fenômeno educativo, consideradas como mediações historicamente possíveis, tentaram explicá-lo, se não em sua totalidade, ao menos em alguns dos seus aspectos. Assim, existiram momentos em que os sujeitos acreditavam que a aprendizagem era inata, outros momentos defendeu-se que o indivíduo era um depósito de conteúdos, caracterizando a educação bancária criticada por Paulo Freire (1995).

Entendemos que para ocorrer educação são necessários alguns esforços por parte dos agentes do processo, o professor e o aluno. De um lado organizando sua prática docente baseado em uma relação de mão dupla com o

domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores - domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade" (FREIRE, 1982, p. 66).

² Adotamos neste trabalho a concepção de cultura defendida e relacionada com a Educação Física por DAOLIO (2004) em que "cultura" é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. Assim, para GEERTZ apud DAOLIO (2004), a "cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações".

aprendiz visando proporcionar aprendizagem, de modo que este possa transpor o conhecimento popular em direção ao sistematizado e científico. Assim, o esporte tratado na perspectiva tradicional, muitas vezes fica restrito ao conhecimento popular, não obstante, é comum encontrar atletas que não sabem mais do que as habilidades necessárias para sua execução, mesmo após dedicar sua vida à esta atividade.

Freire (1996), nos apresenta a necessidade de romper com o paradigma educador-educando, que vê a educação como uma via de mão única. Professor e aluno ocupam as duas posições, trocando de papéis um permite ao outro ser sujeito e crescer junto.

Libâneo (1990 apud PIMENTA; ANASTASIOU, 2002), apresenta que existem algumas relações indispensáveis que devem ser abordadas na relação entre professor e aluno. Entre elas, a política, pois o ensino favorece as transformações; a científica, pois o conteúdo a ser ensinado é o sistematizado durante o tempo, ou seja, deve revelar as condições concretas com que se apresentam; e a técnica, pois são orientações da prática em situações específicas. Desse modo, para que o professor consiga estabelecer essas relações é necessário que deixe claro seus objetivos, deve organizar e selecionar os conteúdos, compreender o nível cognitivo do aluno, deixar claro os meios e fins, de modo que o ato de ensinar não fique pautado em pressupostos tradicionais e tecnicistas como vem sendo o ensino do esporte.

A partir da análise destas afirmações podemos compreender que o ensino não é algo que se efetua sozinho, ele possui várias dimensões como o meio, o docente, o aluno, as condições socio-políticas, entre outros. Assim, afirmar que o esporte educa por si só é abandonar todos os avanços pedagógicos construídos com o tempo e decorrentes de muito empenho dos teóricos da educação.

Devemos entendê-lo, a partir de agora, como um conteúdo que faz parte das aulas de Educação Física e que segundo Sacristán (1998),

Um conteúdo passa a ser valioso e legítimo quando goza do aval social dos que tem poder para determinar sua validade; por isso, a fonte do currículo é a cultura que emana de uma sociedade. Sua seleção deve ser feita em função de critérios psicopedagógicos, mas é preciso considerar antes de mais nada a idéia de que indivíduo e de sociedade servem. (p. 155)

Assim, de acordo com o defendido no capítulo anterior sobre a

história do esporte e como o mesmo permeia nossa sociedade e modifica aspectos da vida das pessoas, mesmo inconscientemente, entendemos que o ensino de seus aspectos na escola é urgente se buscamos uma educação emancipatória.

Considerando a Educação Física como uma disciplina escolar que, segundo Chervel (1990), é um conjunto peculiar de conhecimentos, ou área de saber disposta especificamente para fins de ensino, o esporte se encaixa como um conteúdo possível de ensino sistematizado e multifacetado.

A partir da concepção de que nas aulas de Educação Física deve ocorrer o ensino e não treinos ou passatempos, podemos compreender que o esporte, por ser uma construção cultural de essência motora e de grande abrangência e intervenção na vida das pessoas, valida-se como algo a ser pensado e repensado nas aulas de Educação Física, pois esta área é considerada uma matéria escolar que objetiva o ensino de conhecimentos, sendo o movimento culturalmente construído, seu referencial primário (PALMA et al, 2010).

Assim, com o esporte presente nas aulas é necessário superar essas práticas não reflexivas, que não foram completamente ultrapassadas, porém, são questionáveis de acordo com seu valor emancipatório e caminhar em direção à uma prática crítica. Assim as Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual de Ensino do Paraná nos apresentam alguns indicativos de como tratar essa manifestação na escola,

Garantir aos alunos o direito de acesso e de reflexão sobre as práticas esportivas, além de adaptá-las à realidade escolar, devem ser ações cotidianas na rede pública de ensino. Nesse sentido, a prática pedagógica de Educação Física não deve limitar-se ao fazer corporal, isto é, ao aprendizado única e exclusivamente das habilidades físicas, destrezas motoras, táticas de jogo e regras. Ao trabalhar o Conteúdo Estruturante esporte, os professores devem considerar os determinantes histórico-sociais responsáveis pela constituição do esporte ao longo dos anos, tendo em vista a possibilidade de recriação dessa prática corporal (Paraná, 2008).

Assim, compreendemos a necessidade da urgente ressignificação do conceito de esporte na escola e seu respectivo ensino.

Elaboramos nossa crítica e consideramos que uma concepção que colabora de forma positiva para a superação do tradicionalismo no ensino do esporte, é a *crítico emancipatória*, idealizada por Kunz (2006). Nela, o objeto de estudo da Educação Física não é apenas o desenvolvimento das ações do esporte,

mas sim, a compreensão crítica das diferentes formas de encenação esportiva, os seus interesses e seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico. É na prática, permitir apenas o desenvolvimento de formas de encenação do esporte que são pedagogicamente relevantes, de modo que os alunos possam se libertar do comodismo e lutar contra a “falsa consciência e as ilusões objetivas” do esporte. Pois, para compreender o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia exige, além da capacidade objetiva de saber praticar o esporte, ainda a capacidade de interação social e comunicativa. Sendo que, o esporte na escola não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado, compreendido e ressignificado.

Para que o ensino ocorra a partir desta perspectiva, Kunz (2006) elabora que para descobrir as formas relevantes da encenação do esporte, é necessário determinar o sentido/significado da encenação desta prática nos diferentes contextos, onde basicamente devem ser considerados:

- a) Sujeito, o ator ou atores da encenação esportiva; de acordo com as suas vivências e experiências de corpo e movimento;
- b) O mundo do movimento e dos esportes que pela encenação precisa ser criticamente compreendido;
- c) As diferentes modalidades de encenações do esporte no sentido histórico e sociocultural;
- d) O sentido/significado como determinação normativa que indicam as “pretensões de validade” para cada encenação esportiva. (KUNZ, 2006, p. 74).

Assim, fundamentando-se nestes aspectos da análise do fenômeno esporte, o professor pode ser capaz de organizar um ensino problematizador que pretende-se:

- 1) Evidenciar e esclarecer o problema básico na encenação do esporte;
- 2) Destacar a importância das situações de encenação e seu significado individual e coletivo;
- 3) Favorecer a responsabilidade individual e coletiva no processo de encenação do esporte;
- 4) Aceitar diferentes soluções para diferentes situações de encenação;
- 5) Orientar-se nas vivência e experiências subjetivas dos participantes, para problematizar sempre novas situações. (KUNZ, 2006, p.74).

A prática pedagógica do professor norteado por esta abordagem deve se dar a partir de um *agir comunicativo* e numa perspectiva *problematizadora* do ensino, a partir disso, esperamos que as aulas de Educação Física sejam espaço para debates, reflexões e ressignificações dos fatores que envolvem o movimento

humano. Nesta prática o processo de ensino e aprendizagem deve ser entendido como um processo de mão dupla com o aluno, pois o ato de ensinar é intermediar a construção do conhecimento. “A partir de agora o que tornou-se central foi a aprendizagem, na qual o professor é um organizador e orientador das situações de ensino” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p.208).

Espera-se que a partir das aulas o aprendiz desenvolva seus três atributos máximos da heurística humana, que são o: *saber-fazer*, *saber pensar* e *saber-sentir*. Para isso o professor deve estar em constante reflexão sobre sua prática, de modo à construir objetivos de aula que permitam aos alunos vivenciar, refletir e compreender as relações do fenômeno ensinado.

Como apresentado anteriormente neste trabalho, compreendemos que o esporte ensinado como um modelo a ser reproduzido, contribui para ofuscar os desejos de primeira ordem do indivíduo, o mesmo se dá na compreensão de seus aspectos relacionados ao movimento humano, assim o sujeito se condiciona a executar seus movimentos de forma estereotipada e resistente à mudanças. A perspectiva abordada neste trabalho, procura possibilitar o ser humano a reflexão acerca de seus movimentos estereotipados e possibilitar o *se-movimentar*, que é o movimento carregado de intencionalidade e construído historicamente.

Na superação do tradicionalismo no ensino da Educação Física, devemos compreender que,

O fato da Educação Física utilizar-se de conhecimentos produzidos com o movimento humano com essas finalidades de alcançar o máximo de rendimentos não precisa ser totalmente impedido. Basta que esse conhecimento seja utilizado na perspectiva de sujeitos constituintes de um real objetivo e subjetivo, onde se respeita e se fomenta a subjetividade crítica e as possibilidades dos sujeitos se pensarem como agentes e autores de suas próprias vidas e de seu mundo. Assim, atuando-se com uma cultura hegemônica como o esporte, por exemplo, é possível que pelo esclarecimento crítico e pela transformação didático-pedagógica de elementos mais autoritários e complexos de serem realizados pela maioria, a promoção de subjetividades críticas e emancipadas possa ser alcançada. Com isso transforma-se o mundo objetivo e autoritário de movimentos em um mundo fenomenológico e crítico de movimentos. (KUNZ, 2006, p. 102).

As aulas fundamentadas em uma pedagogia crítica e as aulas tradicionais podem parecer as mesmas se observadas por um sujeito que não esteja inserido no processo de ensino, mas o que a permeia, se devidamente estruturada pelo professor, fará toda a diferença na formação dos indivíduos.

A partir desta teorização, busca-se que o aprendiz possa livrar-se da *coerção auto imposta* e da *comunicação distorcida*, formada pelas estruturas autoritárias da sociedade. Para isso, Kunz (2006), apresenta que o professor deverá promover o agir comunicativo, a partir da linguagem, para expressar entendimentos do mundo social, objetivo e subjetivo, da interação para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências e agir de acordo com as condições de grupo e do trabalho, esforçando-se para conhecer, desenvolver e apropriar-se da cultura.

Ainda com este autor, compreendemos que o ensino do esporte deve contribuir para o sujeito compreender o “mundo fenomenológico” permeado de interpretações diversas do *se-movimentar*, como correr, saltar, nadar, entre outros. Pois, este “mundo” se constitui para a criança e o adolescente numa forma muito especial de um “compreender-o-mundo-pela-ação”. Assim, o ensino na concepção crítico-emancipatória deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir de “conhecimentos” colocados à disposição pelo contexto sociocultural onde vivem.

Então, a partir do ensino do esporte na forma de um conteúdo no âmbito escolar e com uma prática pedagógica fundamentada em uma teoria sólida e emancipatória, esperamos formar um sujeito que possa tomar suas próprias decisões frente ao que o é imposto, pois é pelo “questionamento crítico que se chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que se formam as falsas convicções, os falsos interesses e desejos” (KUNZ, 2006, p. 122).

A partir disso, partimos para o terceiro capítulo deste trabalho, em que tentamos instrumentalizar a prática fundamentada na teoria que apresentamos de modo a colaborar com professores que lidam com o esporte das mais diversas maneiras, esperando assim legitimar cada vez mais a Educação Física escolar.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se propôs a analisar o ensino de um esporte a partir da perspectiva crítico-emancipatória elaborada por Kunz (2006), pois consideramos que atenda às expectativas de um ensino que colabore para a formação de um sujeito mais consciente sobre os fenômenos ao seu redor.

Assim, com as aulas de Educação Física ministradas com o propósito desde trabalho, procuramos demonstrar cada passo que envolveu este período de ensino, colocando em evidência os sucessos e insucessos desta prática, para fomentar uma reflexão sobre a relação pedagógica em nossa área.

Tratando de relações entre pessoas e procurando encontrar diversos fenômenos complexos e não somente os números e dados que as permeiam, este trabalho foi construído sobre a perspectiva qualitativa pois “realidades sociais se manifestam de formas mais qualitativas do que quantitativas, dificultando procedimentos de manipulação exata.” (DEMO, 1987, p. 16)

Assim o primeiro passo foi efetuar uma pesquisa bibliográfica entre os temas: esporte, educação, ensino e aprendizagem, diretrizes curriculares, Educação Física. Esta pesquisa teve a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI; LAKATOS, 2009). Deste modo procuramos nos aprofundar ao máximo nos temas apresentados para desvendar as relações que estes possuem com a história, sociedade e a política.

O campo de pesquisa deste trabalho foi a sala de aula e para isso foi necessário que o pesquisador estivesse envolvido nela e com seus atores. Assim este trabalho adota uma peculiaridade, pois o pesquisador e o ator são a mesma pessoa, o professor de Educação Física. Isso nos proporcionou uma maior acuidade tendo em vista que este já está inserido neste ambiente por um tempo considerável, o que é fator positivo para a pesquisa etnográfica que será apresentada.

A partir destes fatos, este trabalho adquire uma característica de pesquisa de campo que é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta,

ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Para compreendermos a etnografia presente neste trabalho precisamos situá-la na área da antropologia e analisar o que nos apresentam autores que a estudam no campo da educação. Originalmente, segundo Marconi e Lakatos (2005), ela se refere a análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas, grupos étnico, entre outros, de pequena escala e consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade em geral com o objetivo de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica.

A etnografia nos proporciona uma dinamicidade na interpretação dos acontecimentos da pesquisa, pois a partir dela mergulharemos no universo dos significados da aula de Educação Física observando, interpretando e relatando da forma mais detalhada possível. Assim, é necessário deixar claro que uma pesquisa etnográfica pode carregar um certo grau de tendenciosidade pois as análises são feitas pelo pesquisador, que como ser humano, possui distintos pontos de vista filosóficos, políticos e ideológicos (ANDRÉ, 1995).

A riqueza deste processo se dá a partir da compreensão que ele é todo feito a partir do caráter reflexivo, uma vez que etapas como definição do problema, trabalho de campo, análise, interpretação de dados e outras, perfeitamente definidas em determinados modelos de investigação, são frequentemente simultâneos. (MOLINA NETO, 2004)

André (1995), nos apresenta que este tipo de pesquisa tem sido amplamente usada na área da educação desde a década de 80, e somente recentemente foi possível fazer um balanço crítico destas produções teóricas e identificar seus principais problemas.

A partir deste balanço, a autora argumenta que quando a preocupação dos estudiosos da educação é com o processo educativo, existe uma diferença de enfoque, que faz com que certos pré-requisitos não sejam necessários, como a longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados. Assim,

[...] o que se tem feito pois é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (ANDRÉ, 1995, p.28).

Nos atentaremos a algumas características etnográficas fundamentais que contribuíram para o melhor desenvolvimento desta pesquisa de modo a captar o maior número de detalhes da relação pedagógica. A principal parte da pesquisa foi feita pela observação participante e registrados em um diário de campo após cada aula, de modo a acumular a descrição de locais, pessoas, ações, interações, fatos formas de linguagem e outras expressões que permitem estruturar o quadro configurativo da realidade estudada (ANDRÉ, 1995).

Cabe neste momento nos atentarmos a alguns aspectos relacionados ao diário de campo e como os relatos contidos nele podem nos ajudar a construir as diretrizes propostas por este trabalho. Primeiramente, o diário de pesquisa desta obra seguiu o caminho proposto por Barbosa e Hess (2010) que o denomina de *Jornal de Pesquisa*, pois extrapola o simples relato pessoal, sem interesse de levar a frente e lhe dá a característica de relato público e com intenção de produção de conhecimento. Segundo estes autores, a ressignificação do diário em jornal proporciona alguns sentidos interessantes quando tratamos da prática pedagógica, sendo eles: “busca entender o contexto social e psíquico da pesquisa; é instrumento teórico e prático de análise; traz para as ciências naturais a complexidade das humanas; permite ao pesquisador perceber a complexidade como parte integrante do seu ser existencial e profissional” (BARBOSA; HESS, 2010).

Este tipo de relato nos fornece a possibilidade de compreender o profundo, contínuo e sofisticado processo de negociação de sentido que professor e aprendiz desenvolvem no decorrer de um tempo não linear e não cronológico, mas vivido, e num espaço determinado como a escola, com o único objetivo de tornarem-se mais sujeitos. (BARBOSA, HESS, 2010 pg. 20).

Para a análise dos relatos, procuramos nos aprofundar ao nível analítico-relexivo apresentado por Santos e Oliveira (2005), pois nele, existe a preocupação em fazer uma análise crítica dos relatos à fim de relacionar com os diversos conhecimentos da área e às práticas vivenciadas, ou seja, são construções textuais mais autônomas.

A partir deste trânsito de significados inerentes às relações ocorridas na escola que buscamos encontrar as diretrizes utilizadas pelo professor durante as aulas.

Consideramos como diretriz a definição simples, que, segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa uma é uma “linha reguladora do traçado de um caminho ou estrada”, “conjunto de instruções ou indicações para se tratar e levar a termo um plano, uma ação, um negócio, etc.; diretiva”. A prática pedagógica nas aulas de Educação Física nem sempre foi a mesma, passou por expoentes mudanças durante a história e principalmente após a década de 80, assim, tentaremos decodificar em meio aos significados as diretrizes da ação do professor que neste caso, estão pautadas em uma revisão teórica recente e busca a formação de um aluno mais crítico, autônomo e reflexivo.

O grupo estudado foi uma turma de oitavo ano do segundo período do ensino fundamental de uma escola particular da cidade de Londrina. Este grupo contou com dezesseis alunos, sendo sete meninas e nove meninos. O conteúdo ensinado foi o rugby, sendo os objetivos, a) compreensão de seu processo histórico; b) compreensão da lógica de jogo, técnica e fundamentos; c) compreensão dos aspectos subjetivos do esporte (relação entre jogadores, torcida e arbitragem); d) compreensão de seus aspectos socio-políticos. Assim, foram estruturadas dez aulas no total, sendo ministradas duas por semana com a duração de cinquenta minutos. Os recursos utilizados foram os dispostos pelas escola, que são, sala de aula, quadra poliesportiva, bolas, cordas, colchonetes, computador, data-show e internet para trabalho coletivo com os alunos.

Por fim, os resultados foram apresentados em forma de reflexões acerca da relação entre os relatos e as diretrizes para o ensino do esporte na escola, que foram organizadas a partir da revisão bibliográfica.

4 DIRETRIZES PARA O ENSINO DO ESPORTE

Após conceituar o fenômeno esporte e apontarmos a relação com a Educação Física, percebemos que as práticas pedagógicas desta disciplina ainda são carregadas de um forte tradicionalismo e uma falta de reflexão acerca de sua função social. Se compreendemos que a educação necessita formar para a emancipação do ser humano, práticas tradicionais deixam a desejar em seu valor emancipatório, pois não favorecem que o ser humano desenvolva seu pensamento crítico e formam meros reprodutores de condutas e saberes.

Esta parte do trabalho se caracteriza no momento em que tentamos operacionalizar o ensino da Educação Física a partir de uma teoria crítica na escola, voltada para a reflexão e a real compreensão dos fenômenos componentes da motricidade humana, em nosso caso, o esporte.

A partir da teoria debatida, encontramos algumas diretrizes que passaram a nortear essa prática. Lembrando que consideramos como diretriz, segundo dicionário Aurélio, “uma linha reguladora, um caminho a ser seguido, uma diretiva”. Deste modo, fundamentado na teoria proposta por Kunz (2006), propusemos cinco “caminhos” ou diretrizes que devem ser percorridos ao ensinar um conteúdo a partir da teoria crítico-emancipatória na aula de Educação Física, sendo eles: a *contextualização histórica*, a *vivência das atividades e debates*, a *reflexão sobre as atividades motoras*, a *problematização das situações vivenciadas em grupo* e a *contextualização com a realidade social*.

Por mais que pareçam estar bem definidas, as diretrizes são componentes do cotidiano do processo de ensino e aprendizagem e nos jornais de pesquisa relatamos todas as experiências do professor durante a aula, sendo assim, elas aparecem em todo o momento, não obrigatoriamente na ordem em que foram apresentadas aqui. Além disso, conflitos do cotidiano escolar que também foram relatados colaboram para ofuscar o reconhecimento dessas diretrizes, muitas vezes desviando o foco da aula, fazendo que o professor tenha dificuldade em dar continuidade ao ensino do conteúdo. Então, tentaremos neste momento do trabalho, reconhecer onde estão colocadas cada uma dessas diretrizes, em cada uma delas, poderemos saltar algumas aulas e apresentar somente os pontos relevantes e relacionados.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Entendemos como contextualização histórica o fato do aluno compreender o conteúdo estudado em seu espaço e tempo e ter consciência de que o esporte no caso, é mutável e sujeito às relações de interesse humanas. E, como já debatido neste trabalho, percebemos que o esporte é um fenômeno que passou por um longo processo histórico e continua sua metamorfose de acordo com os interesses de quem o controla, tornando assim a compreensão dos aspectos relacionados a essa diretriz de fundamental importância para seu ensino na escola.

Em nossa pesquisa, ao utilizar o rugby como conteúdo, nossa prática se consolidou em fazer o aluno vivenciar todo seu processo histórico, desde a prática desorganizada e sem regras do *folk football*³ como era praticado no período medieval, passando pela gradativa sistematização de regras durante o tempo, até o debate sobre a separação em *football association*⁴ e *rugby association*⁵, dando origem ao rugby e ao futebol.

A partir disso apresentaremos em cada aula ministrada, onde esse reconhecimento de processo histórico aconteceu, apresentando trechos dos relatos organizados de forma a aumentar a compreensão do leitor.

Chamo atenção antes de apresentar os relatos, para o fato de que os alunos da turma pesquisada haviam estudado em bimestre anterior a diferença entre jogo e esporte, para isso vivenciaram o processo de surgimento dos esportes em geral e sua mutabilidade, facilitando a compreensão sobre o processo histórico do rugby e nossa prática.

³ De acordo com Dunning e Sheard (2005) as referências ao rugby e ao futebol são obscuras, a maior parte são relacionadas às proibições aos jogos com bola daquela época. Entretanto, um jogo foi muito jogado na época medieval foi o *hurling to the countrie*, Elias e Dunning (1992) o definem como “dois ou três cavalheiros marcam habitualmente este encontro, determinando que num tal dia feriado hão de trazer para tal lugar indiferente, duas, três ou mais paróquias da parte este ou sul, para lançar contra outras tantas, do oeste ou norte. Os seus objectivos são, quer as casas desses cavalheiros, ou algumas cidades ou aldeias, três ou quatro milhas distantes, que cada lado escolhe a partir da proximidade das suas habitações. Quando se encontram, não existem nem comparação de números, nem correspondência de homens: mas uma bola de prata é lançada e o grupo que consegue apanhá-la e transportá-la pela força, ardil, para o local estabelecido ganha a bola e a vitória.

⁴ Atual Federação Internationale de Football Association (FIFA)

⁵ Atual International Rugby Board (IRB)

4.1.1 Aula 01

Neste primeiro dia de aula sobre este conteúdo, poderia ter feito uma avaliação geral da turma sobre seus conhecimentos acerca do rugby e seu processo histórico, porém, como dito, já haviam estudado previamente algo semelhante e foi intencional o desconhecimento sobre o rugby antes de praticar o *folk football*.

No Jornal de Pesquisa da primeira aula, ficou registrado:

Disse que faríamos uma atividade relacionada aos primórdios do esporte que conhecemos e que estudaram em bimestre anterior. A atividade consiste em um jogo com mínimas regras, somente expliquei que a atividade versava em dois times que tentam levar a bola para seu campo. Combinamos algumas condutas de segurança, entre elas, evitar contatos bruscos de corpo, passar rasteiras, etc. Enviei para quadra as fileiras alternadas, pois tinha mania de enviar sempre em primeiro lugar a turma perto da porta e ouvi reclamações justas, meio a poucos barulhos todos os alunos estavam na quadra. Chegando ao pátio, vi o estacionamento com poucos carros e pensei que seria um espaço rico para fazer a atividade, quebrando o paradigma de jogo sistematizado em campo definido, ouvi reclamação de algumas alunas com vergonha de praticar em campo aberto por ser uma “coisa de pobre”, levei na brincadeira, mas com certo peso na consciência em ter que debater o tema preconceito, mas como o tempo ia diminuindo resolvi continuar.

[...] Com nosso campo marcado, alunos em círculo, expliquei (penosamente devido ao bate papo paralelo) a única regra do jogo, que era levar a bola em determinado campo e relembrei as boas condutas de segurança. Fui questionado quanto ao uso dos coletes, argumentei que o uso deles daria uma característica moderna ao jogo primitivo, o que não era de interesse no momento.

[...]O jogo continuou e alguns garotos reclamavam que a bola lhes foi tomada com certa força, mas lembravam que não havia uma regra que impedisse isso e ficavam meio sem graça. O tempo foi chegando ao fim e pedi que os alunos se reunissem em um círculo.

Esta aula terminou com um debate sobre a falta de regras desse jogo, com os alunos apresentando suas sensações sobre a prática e o professor os instigando a refletir sobre quais regras seriam necessárias para que esta atividade ficasse mais segura e começasse a adquirir a forma de um esporte.

4.1.2 Aula 02

Nesta aula, o objetivo era que os alunos vivenciassem a transformação e a adaptação de novas regras no jogo e identificassem como suas características mudam de acordo com essas modificações.

Assim, em Jornal de Pesquisa da segunda aula, o registrado foi:

Relembramos um pouco do que foi feito na aula anterior e com a atividade fresca na memória, expliquei que iríamos para a quadra avançar nesta atividade, que diferentemente da aula passada, o jogo de hoje iria começar a tomar forma com regras sendo adicionadas gradativamente, os alunos se surpreenderam pois estavam esperando uma aula em sala, um aluno comentou que essa era a “melhor sensação do mundo”, referindo-se ao fato de poder sair quando se pensa que vai ficar em sala, achei engraçado e me fez refletir sobre o estereótipo da aula de Educação Física. De maneira alternada deixei os alunos dirigirem-se à quadra, foram com pouco barulho, não atrapalhando muito outras aulas. Na quadra utilizei uma bola de voleibol um pouco murcha e alguns coletes e os alunos montaram dois times.

[...] Primeiro deixei que eles jogassem da forma como foi aula passada para lembrar, em três minutos aconteceu o primeiro ponto, um aluno grande e forte usou da falta de regras para sobressair entre os colegas. Reuni o grupo e expliquei a necessidade das regras, coloquei a primeira, que definia o campo a ser usado, utilizamos a quadra de futsal e a área dentro do gol como meta, definimos que para um aluno que estiver portando a bola ser parado, deveria ser segurado por outro, que imediatamente este deveria parar, colocar a bola no chão e passar para um colega, regra que percebi não dar certo em cinco minutos pelo risco que gerava, alguns aproveitavam a deixa e se jogavam em cima de colegas, parei a aula e modifiquei a regra. A partir deste momento o jogador deveria parar caso fosse tocado pelo oponente com as duas mãos. Daí em diante deixei o jogo acontecer por mais tempo, meninos e meninas participavam de forma igual, algumas alunas como sempre se esquivando da responsabilidade, a maioria se divertindo. Com o tempo de aula encurtando, resolvi parar e colocar a última regra, ouvi algumas reclamações sobre o excesso de interrupções e me pediram para que colocasse todas as regras de uma vez só, disse que explicaria o motivo no fim da aula.

[...] Neste momento adicionei a regra do passe para a trás, que iria começar a caracterizar o jogo como sendo o rugby, assim um jogador somente poderia efetuar o passe, caso o receptor estivesse para trás da linha dele. Houve um pequeno alvoroço, mas os alunos compreenderam a necessidade. Então deixei o jogo rolar, logo no começo me surpreendi, pois o jogo aconteceu melhor do que eu

esperava, poucos alunos estavam perdidos, diferente de outras vezes que tentei esta prática, visualmente o jogo tinha uma característica de touch rugby.

[...]. A aula caminhou para o final, em que sentamos no centro da quadra e perguntei o que acharam do jogo. Houveram comentários como confuso, muitas interrupções, meninas que não se movimentam, mas a maioria se divertiu no jogo. Expliquei que as paradas foram para eles vivenciarem o processo de surgimento de regras novas, pois os esportes nem sempre foram como conhecemos hoje, fui bem aceito pela turma.

Esta aula adquiriu um caráter bem produtivo, apesar de não fomentar que os alunos formulassem regras como no bimestre passado, a aceitação das regras características do rugby foram boas e, como relatado, o jogo ficou muito semelhante ao *touch rugby*⁶

4.1.3 Aula 03

Esta aula foi efetivamente o final da contextualização histórica direta, houve momentos em outras aulas em meio às atividades, porém, para este momento foi preparado uma aula expositiva para os alunos observarem situações características do rugby e relacionar com as atividades vivenciadas. Os objetivos eram que os alunos identificassem os fatos históricos que deram origem a este esporte e compreender que existem *duas histórias*⁷ para o surgimento desta modalidade.

Consideramos fundamental que em uma educação crítica o aluno deva perceber as incoerências de uma história simplista sobre o surgimento desta modalidade e vendida como produto, inclusive nomeando a taça da copa do mundo, e, tenha acesso à realidade dos fatos históricos que contribuíram para a formação deste esporte.

Assim, no jornal de pesquisa da aula 03, há o seguinte relato:

Com a turma sentada e não muito calma ainda coloquei um vídeo de uma partida de rugby sem explicar nada, o choque inicial era minha intenção. Imediatamente as conversas da sala mudaram de tema, os

⁶ Touch Rugby é um jogo pré-desportivo do rugby indicado pela IRB e utilizado em diversos países para o ensino deste esporte em forma de rendimento, pois favorece que o aluno desenvolva diversos fundamentos do esporte.

⁷ A IRB dissemina uma história simplista e fantasiosa sobre o surgimento do rugby, dizendo que William Webb Ellis, estudante da escola de Rugby na Inglaterra, ao pegar uma bola na mão em meio à uma partida de futebol e sair correndo acabou por inventar este esporte. De acordo com Dunning e Sheard (2005) e Collins (2009) percebemos que o surgimento do rugby se deu a partir de práticas de jogos com bola durante diferentes períodos e contextos históricos.

alunos ficaram surpresos com o esporte que não tinham visto ainda, pude ouvir os mais diversos comentários alegando que era um esporte bruto, perigoso e de gente louca. De um lado os garotos estavam animados por ser um esporte de contato, ágil e vigoroso, de outro, as garotas comentavam impressionadas sobre o porte físico dos atletas.

[...] Comentei que este era o “tal esporte” que iríamos estudar e que quando vi pela primeira vez também achava ser um “esporte de louco”.

[...] Dando início ao conteúdo preparado, questionei os alunos se eles achavam que o rugby sempre tinha sido da maneira como eles viram na tela e se alguém sabia de onde ele veio. Ouvi as mais absurdas respostas de alunos desinteressados, porém, meio a essas, algumas respostas conseguiram relacionar as aulas passadas com o surgimento deste esporte. Feliz, utilizei este gancho e comentei dos últimos encontros, dizendo que o esporte nem sempre foi assim e que ele passou por um processo histórico semelhante ao que vivenciamos. Acessei o computador, liguei a apresentação e comecei, com os slides pude fazer um paralelo entre a história mais contada e oficial, porém, “falsa” do rugby e a história real, que remete ao processo histórico do surgimento dos jogos que utilizavam bola e sua sistematização na Inglaterra até o surgimento do “football” e a divisão entre as duas associações que deram origem ao futebol e rugby que conhecemos hoje.

[...] o tempo ficou curto rapidamente, então fechei este tema questionando os alunos sobre o que tinham aprendido. Muitos fizeram confusão entre as duas histórias, outros parece que nada entenderam, mas muitos conseguiram fazer uma breve síntese consideravelmente organizada.

Consideramos esta aula expositiva fundamental, pois alguns alunos jamais tinham tido contato com essa modalidade, assim, puderam observar vídeos e imagens selecionadas pelo professor ao mesmo tempo que sanavam suas dúvidas iniciais baseadas no senso comum, carregadas de tabús e preconceitos.

4.1.4 Aula 10

Saltamos diretamente para esta aula, pois na anterior o professor requisitou um trabalho que consistia em procurar atletas de rugby, pessoalmente ou pela internet e fazer uma entrevista previamente estruturada.

Em uma parte do jornal de pesquisa referente a esta aula, ficou registrado:

Questionei aos alunos sobre os aspectos subjetivos do rugby como o respeito da torcida, a arbitragem e o companheirismo, disseram que todos os jogadores relatavam ótimas experiências sobre a relação entre os atletas, respeito aos árbitros e etc. Expliquei que essa cultura advinha da origem do rugby na escola de Thomas Arnold, em que era permeada por uma disciplina (militar e cristã) que fazia os jogadores se considerarem cavalheiros, o que é bem característico da cultura inglesa.

Desta maneira, fechamos o conteúdo rugby com uma retomada histórica sobre a personalidade que permeou grande parte dos esportes advindos da Inglaterra, de modo que em uma Educação Física crítica, os alunos devem perceber a diferença entre a disciplina militar e o respeito pelos valores morais.

4.1.5 Considerações sobre a diretriz

Consideramos assim que nas quatro aulas que os alunos tiveram um contato mais íntimo com a contextualização histórica do rugby, foi possível atingir os objetivos, de modo que em avaliação posterior, grande parte dos alunos tiveram sucesso em remontar, em escrita, o processo de surgimento do rugby. Além de que foi possível notar que a contextualização histórica cria indícios para a prática das atividades, facilitando a reflexão sobre o que deve e o que não deve ser feito para atingir certo objetivo.

4.2 VIVÊNCIA DAS ATIVIDADES E DEBATES

Nesta diretriz pretendemos apresentar os momentos em aula que os alunos tiveram a oportunidade de participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Luckesi (1990), em um modelo emancipatório de educação, o professor e o aprendiz são seres humanos que interagem sistematicamente no processo educativo e para que o ensino se concretize é necessário o aluno deixe de ser um mero expectador e participe ativamente do processo de construção do conhecimento.

De acordo com Kunz (2006) na prática do ensino crítico-emancipatório, existem alguns momentos que devem ser priorizados, assim nesta diretriz tentamos evidenciar o fato de que “arranjos materiais ou situações-problemas criados para que os alunos experimentem as suas possibilidades, sem a utilização de alguma técnica específica ou de alguma exigência especial.” Dando suporte, assim, para uma posterior reflexão sobre as habilidades motoras.

Como dito anteriormente, as diretrizes se cruzam o tempo todo, uma ou mais podem acontecer ao mesmo tempo, tornando assim, mais difícil separar os exatos momentos em nosso jornal de pesquisa. Desse modo, nos ateremos e apresentaremos as situações mais marcantes sobre a vivência dos alunos nas atividades e debates feitos em aula.

4.2.1 Aula 01

Esta primeira aula teve como objetivo a contextualização histórica e os registros referentes foram apresentados também no momento anterior. Pois, nossa contextualização não está separada de vivências práticas.

Assim, no jornal de pesquisa da aula 01, encontramos os seguintes momentos de vivências práticas:

[...] Combinamos algumas condutas de segurança, entre elas, evitar contatos bruscos de corpo, passar rasteiras, etc.

[...] pedi que a turma se dividisse em dois times, método que funciona bem com este grupo desde o começo do ano, eles se separam de forma democrática para que aconteça qualquer tipo de jogo.

[...]“Atenção, um, dois, três, valendo!” joguei a bola para cima, meninos ao meio saltaram, o mais alto saiu vitorioso, correu alguns metros e passou a bola para uma colega mais bem posicionada, que então, assustada, passou a bola o mais depressa para outro aluno, em meio aos passes um menino pegou a bola e saiu correndo, prontamente foi cercado por outros que agarraram a bola em seu peito e tentaram tirá-la enquanto corriam, sem sucesso deixaram que o portador da bola colocasse-a na marca do chão, pontuado assim para o seu time. Fiquei feliz nesse momento, pois nenhum aluno usou de jogada suja ou maldade para tomar a bola, mesmo não havendo regras que os limitassem. Assim foi o primeiro ponto, os outros aconteceram de maneira semelhante.

[...]. O jogo continuou, alguns garotos reclamavam que a bola lhes foi tomada com certa força, mas lembravam que não havia uma regra que impedisse isso e ficavam meio sem graça.

Houve alguns conflitos nesta aula, porém foram orientados de modo a aumentar a compreensão dos alunos sobre o fenômeno estudado. Deste modo, percebemos que somente a partir da prática e da vivência da relações existentes no momento do jogo ou do esporte o aluno pode alcançar a compreensão.

4.2.2 Aula 02

No jornal de pesquisa da aula 02, encontramos os seguintes relatos de experiência por parte dos alunos:

[...] Primeiro deixei que eles jogassem da forma como foi aula passada para lembrar, em três minutos aconteceu o primeiro ponto, um aluno grande e forte usou da falta de regras para sobressair entre os colegas.

[...] Daí em diante deixei o jogo acontecer por mais tempo, meninos e meninas participavam de forma igual, algumas alunas como sempre se esquivando da responsabilidade, a maioria se divertindo.

[...] O jogo ocorreu mais livremente, logo no começo me surpreendi, pois o jogo aconteceu melhor do que eu esperava, poucos alunos estavam perdidos, diferente de outras vezes que tentei esta prática, visualmente o jogo tinha uma característica de touch rugby. Foi necessário que eu ajudasse a organizar algumas jogadas enquanto arbitrava, pois alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade pra notar que era necessário que o time todo se posicionasse atrás da linha da bola

4.2.3 Aula 04

Nossa quarta aula foi uma oportunidade para os alunos vivenciarem o touch rugby, um pré-desportivo muito utilizado e um jogo que carrega diversas características deste esporte.

Assim, encontramos no registro os seguintes momentos:

[...]Com a turma mais calma apresentei no quadro o esquema da nossa quadra para apresentar o Touch Rugby, expliquei que é um pré desportivo do esporte tradicional que evita grandes contatos e prioriza a agilidade e raciocínio sobre as táticas do jogo. Como os alunos já viram alguns vídeos de rugby e já possuíam a noção de bola para trás, mostrei os esquemas de ataque em diagonal e defesa em parede, sempre sinalizando jogadas hipotéticas, questionava os alunos dizendo: “se fulano estiver com a bola, onde os outros devem estar?” e apontava para o desenho.

[...] Ao chegar os alunos já haviam montado os times, observei se havia equilíbrio e realmente tinha ficado justo os times, deixei que mantivessem assim. Como tudo já havia sido explicado, cada time foi para um lado da quadra, na disputa de par ou ímpar vimos quem ia começar. Assim a partida começou com um chute para o campo adversário. Assim que chutaram, a defesa subiu razoavelmente bem para uma primeira partida e estavam bem situados em campo, o ataque tomou a bola correu e passou para um colega atrás, um pouco desajeitado e assustado mas a jogada continuou bem, quando aconteceu o primeiro touch. O aluno tocado com as duas mãos parou e tive que ajudar organizar a jogada, apontei o lugar da defesa e lembrei da diagonal do ataque. Continuaram o jogo, durante metade da aula estive nortando as jogadas e sugerindo modos de atacar e defender,

[...] Notei um fato interessante, alunos que praticam outros esportes tentavam aplicar técnicas usadas em suas modalidades neste jogo, ao perceber que não seria vantajoso ficavam aborrecidos, houve o caso de um aluno jogador de basquete ficar extremamente emburrado por não poder usar o corta-luz, por ser proibido no rugby, jogadores de futsal e futebol sofreram para se desvencilhar da mania de estar sempre à frente esperando um passe, principalmente os atacantes.

[...] no final todos já tinham compreendido razoavelmente o modo de jogar e a partida ficou interessante, aconteceram mais dois pontos e resolvi parar o jogo.

4.2.4 Aula 05

Nesta quinta aula, o objetivo era que os alunos reconhecessem o princípio de uma partida de rugby com suas jogadas e formações, assim a atividade foi planejada para a sala de aula, pois os alunos já haviam visto vídeos de jogos na aula anterior.

O professor desenhou no quadro algumas jogadas e a vivência por parte dos alunos se deu no momento em que tiveram que refletir e debater sobre o que os supostos jogadores deveriam fazer.

De acordo com isso, encontramos os seguintes relatos em nosso jornal de pesquisa:

Assim parti para o conteúdo, expliquei para os alunos que faríamos diferente do ensino clássico de outras modalidades a partir do momento que não abordaria a modalidade por fundamentos, técnicas e etc. Assim, desenhei um campo de rugby no quadro, pois os alunos já haviam visto o campo e pedaços de um jogo em outra aula. Posicionei os jogadores em campo com círculos, disse que o árbitro havia apitado para começar o jogo e perguntei o que os jogadores deveriam fazer. De cara as respostas foram vagas, permiti que relembassem o touch rugby e perguntei novamente, várias respostas interessantes surgiram, já disseram que o ataque deveriam correr em forma que o portador da bola estivesse à frente de todo mundo, e os demais formassem uma diagonal a partir de sua posição. Já a defesa deveria sempre estar em forma de parede frente ao ataque, cada jogador marcando um oponente. Neste momento fiquei feliz ao notar que boa parte dos alunos que praticaram o touch rugby e tiveram dificuldade na prática, sabiam conceituar o que deveriam fazer ao jogar. Continuei desenhando uma jogada no quadro, boa parte dos alunos copiavam as situações em seu caderno. Toda vez que aparecia uma situação de jogo peculiar do rugby, puxava uma seta e escrevia sua definição ao entorno do campo desenhado, desse modo desenhando e apagando tivemos tempo de definir as seguintes jogadas: tackle⁸, ruck⁹ e scrum.

4.2.5 Aula 06

Nesta aula, tivemos como objetivo a vivência por parte dos alunos das atividades motoras e fundamentos do rugby, especificamente o passe e o ruck, que é uma formação de disputa de bola sem que o jogo seja parado, normalmente a situação mais difícil para os aprendizes compreenderem sua lógica.

⁸ Fundamento responsável por parar um ataque de forma segura, é caracterizado quando um ou mais jogadores seguram o portador da bola e derrubam-o.

⁹ Fundamento responsável pela disputa de bola em jogo é caracterizado quando um ou mais jogadores tentam ultrapassar a linha da bola que está no chão.

Assim, no jornal de pesquisa desta aula, encontramos os seguintes relatos sobre a vivência dos alunos:

Me reuni com os jovens e disse que começaríamos pelo mais básico e que eles não haviam vivenciado ainda, o passe. Deixei a bola na mão de um aluno e pedi que ele passasse ao lado, a bola foi girando de modo livre. Após alguns minutos para experimentarem a pegada deste tipo diferente de bola, apontei alguns que já haviam descoberto a melhor maneira do passe, fazendo em pêndulo. Expliquei que ao pegar a bola de um lado, os braços fazem um movimento circular, soltando a bola no lado oposto, assim automaticamente ela iria adquirir giro, pedi também que virassem de costas para o centro do círculo, pois o passe no rugby é sempre para a trás, assim nos aproximaríamos da situação de jogo, a bola girou mais um tempo entre eles, indo para um lado e para o outro, fui notando que explicado desta maneira os alunos passavam de maneira mais fluída e menos preocupada com o giro da bola.

[...] A próxima atividade foi feita de modo a compreender a necessidade do contato visual que antecede o passe e o bom posicionamento das mãos de quem vai receber, assim, um aluno foi para o centro do círculo e passava bola para o colega que quisesse, de tempo em tempo pedia que o novo portador da bola tomasse sua posição no centro. Em pouco tempo, grande parte dos alunos estavam passando bola de maneira simples e intuitiva sempre mantendo contato visual, achei interessante, pois vi diversos novatos em treino de alto rendimento aprenderem por maneiras diferentes e não compreenderem a necessidade destes fatores.

[...] Para finalizar esta atividade, pedi que formassem grupos de 5 pessoas, acompanhei um grupo de cada vez para que todos pudessem ver o que era para ser feito, me posicionei em uma ponta e atravessamos a quadra correndo e efetuando o passe.

[...] Faltando poucos minutos para o fim da aula juntei a turma e expliquei o significado do ruck, dizendo que ele acontecia na maioria das vezes que um jogador ia ao chão e servia para disputar a posse de bola, pedi para um aluno se posicionar fazendo a “casinha” e defendendo a posse de bola, assim, pude explicar que outro jogador tentaria removê-lo daquela posição utilizando força, por fim questionei aos alunos como seria a melhor maneira de remover um oponente desta formação, houveram algumas boas tentativas de explicação. Finalizei deixando que vivenciassem esta formação.

4.2.6 Aula 07

Esta e a próxima aula foram uma continuação da vivência dos fundamentos e jogadas características do rugby, os objetivos eram que os alunos vivenciassem novamente o ruck e posteriormente o tackle.

Assim em nosso jornal de pesquisa, existem os seguintes relatos:

[...] Perguntei se lembravam como eu havia terminado a aula anterior, poucos souberam explicar o que havia sido, mas tinham uma noção básica do que eu havia explicado sobre o ruck. Alguns lembravam que era uma situação de disputa de bola e que era necessário fazer uma casinha sobre a bola. Ótimo, já era um bom início de aula. Tomei então a explicação sobre o que era o ruck, disse com os alunos reunidos em círculo, que era uma formação de disputa de bola que acontecia logo após um jogador cair no chão e servia para o jogo não parar e que nela, dois ou mais jogadores tentavam ultrapassar a linha da bola garantindo assim a posse e que geralmente o ruck era composto por vários jogadores fazendo força, por isso virava o famoso “montinho”. Assim, pedi que um voluntário caísse calmamente no chão com a bola e utilizei mais dois para simbolizar os times opostos.

[...] pude organizar a próxima atividade com calma, separei os alunos em duplas e espalhei alguns colchonetes no chão, uma dupla de cada vez pode efetuar o tackle, sempre com segurança e de acordo com minhas instruções, pois me preocupei bastante com a segurança dos jovens. Após algumas observações de minha parte e participação de todos, avancei para próxima atividade, em trios. Eram três papéis cada grupo, um seria o jogador caído no chão, um colega de seu time que iria fazer o ruck e um oponente que tentaria superar esta formação, empurrando o colega para trás.

[...] Discutimos qual seria a melhor forma de tirar a base do oponente, a maioria teve dificuldade para compreender então mostrei a técnica ideal para essa situação de jogo e deixei que vivenciassem alguns minutos.

4.2.7 Aula 08

Nesta aula finalizamos o bloco de vivência dos fundamentos, o objetivo era que os alunos compreendessem a lógica do line out (lateral). Esta aula começou na sala com o professor desenhando uma jogada hipotética no quadro até chegar ao momento da jogada que iríamos estudar.

No jornal de pesquisa desta aula, ficaram registrados os seguintes momentos:

[...] Então, por fim situamos uma jogada em que a bola saía do campo, em que acontece o lateral ou Line Out.

[...] Faltando cerca de quinze minutos para o termino da aula, pedi que fossem para a quadra, pois queria que vivenciassem essa situação ainda nesta aula. No ambiente externo o grupo se reuniu em círculo e expliquei como seria o arremesso da bola no lateral, que possuía uma característica diferente, em pouquíssimo tempo grande parte dos alunos estavam arremessando a bola de rugby por cima da cabeça de forma razoável entre eles. Assim a turma se reuniu em grupos de cinco pessoas, fizeram a formação do lateral e arremessei entre eles para que saltassem e disputassem a bola, depois foram outros alunos para arremessar.

4.2.8 Considerações sobre a diretriz

A partir da observação desta diretriz detectamos que foi fundamental a participação efetiva do aluno em todas as atividades, até mesmo aulas expositivas contavam com os questionamentos e reflexões dos alunos sobre as situações apresentadas.

Somente a partir da experiência dos alunos em todas as atividades, foi possível estimular o a reflexão a partir do real, de modo a fomentar mais questionamentos para as atividades e aulas posteriores.

4.3 REFLEXÃO SOBRE AS HABILIDADES MOTORAS

Em ordem, uma contextualização histórica e a constante vivência das atividades por parte dos alunos nos dão base para uma reflexão sobre as atividades motoras envolvidas no conteúdo estudado na aula de Educação Física.

Assim, para Kunz (2006, p.141)

A segunda situação de trabalho apresenta-se quando da escolha de determinada tarefa que precisa ser aprendida e para tal precisa do treino ou do exercício continuado de determinadas habilidades. A velocidade das corridas, a técnica dos saltos e os lançamentos podem ser individualmente melhorados.

A partir disto enquanto ocorria a pesquisa, notamos que o devido treino das habilidades motoras era inviável no tempo efetivo de aula e devido a quantidade de conteúdo sobre o rugby a ser ensinado, para isso, nossas aulas buscaram fomentar a problematização e reflexão sobre as atividades motoras vivenciadas, possibilitando que o aluno criasse maneiras de aprimorar seus movimentos.

Estas situações ocorreram nas aulas em que os alunos vivenciaram as atividades na quadra, especificamente aquelas que diziam respeito aos fundamentos e lógica de jogo. O rugby contém diversos fundamentos, não coube em nossas aulas o ensino de todos eles, inclusive demonstramos neste capítulo somente exemplos de reflexão sobre as habilidades, assim, alguns fundamentos não aparecerão, para maiores esclarecimentos, vide os planos de aula no final deste trabalho.

4.3.1 Aula 04

Nesta aula os alunos vivenciaram a prática do touch rugby, que em outras diretrizes, foi utilizado para contextualização histórica e vivência dos alunos. A partir da perspectiva dessa diretriz, a aula evidenciou as atividades motoras mais comuns e suas relações com outras muito utilizadas no cotidiano, assim, ficou registrado no jornal de pesquisa a seguinte situação:

Notei um fato interessante, alunos que praticam outros esportes tentavam aplicar técnicas usadas em suas modalidades neste jogo, ao perceber que não seria vantajoso ficavam aborrecidos, houve o

caso de um aluno jogador de basquete ficar extremamente desapontado por não poder usar o corta-luz, jogada proibida no rugby, jogadores de futsal e futebol sofreram para se desvencilhar da mania de estar sempre à frente esperando um passe, principalmente os atacantes. Faltando dez minutos de aula, reuni a turma para fazer o fechamento. Questionei aos alunos sobre a melhor maneira de fazer o passe, sobre como deviam se posicionar para que facilitasse para os outros colegas, refletimos sobre a relação das habilidades motoras envolvidas no rugby e suas relações com o handebol.

4.3.2 Aula 06

Nesta aula, o priorizado foi o ensino do passe de bola, pois este causa muita confusão até em iniciantes de rendimento. Assim, priorizamos a reflexão sobre a habilidade motora fazendo com que os alunos encontrassem a partir da lógica, a maneira certa de efetuar esse fundamento.

Assim nesta aula encontramos os seguintes registros em nosso jornal de pesquisa:

[...] Me reuni com os jovens e disse que começaríamos pelo mais básico e que eles não haviam vivenciado ainda, o passe. Deixei a bola na mão de um aluno e pedi que ele passasse ao lado, a bola foi girando de modo livre. Após alguns minutos para experimentarem a pegada deste tipo diferente de bola, apontei alguns que já haviam descoberto a melhor maneira do passe, fazendo em pêndulo. Expliquei que ao pegar a bola de um lado, os braços fazem um movimento circular, soltando a bola no lado oposto, assim automaticamente ela iria adquirir giro, pedi também que virassem de costas para o centro do círculo, pois o passe no rugby é sempre para a trás, assim nos aproximaríamos da situação de jogo, a bola girou mais um tempo entre eles, indo para um lado e para o outro, fui notando que explicado desta maneira os alunos passavam de maneira mais fluída e menos preocupada com o giro da bola.

[...] Para finalizar esta atividade, pedi que formassem grupos de 5 pessoas, acompanhei um grupo de cada vez para que todos pudessem ver o que era para ser feito, me posicionei em uma ponta e atravessamos a quadra correndo e efetuando o passe, em alguns momentos eu parava e perguntava aleatoriamente a alguém qual seria a melhor posição que deveria estar para propiciar o bom passe de bola entre todos os colegas do time, grande parte das respostas foram certas, percebi então que os alunos estavam compreendendo a forma de um jogo de rugby.

4.3.3 Aula 07

Esta aula tinha como objetivo que os alunos vivenciassem o ruck, formação de disputa de bola que causa grande confusão em atletas iniciantes e expectadores. Assim, a aula anterior terminou com o professor fazendo uma breve introdução à esta situação e alguns questionamentos.

Encontramos os seguintes relatos sobre o ensino deste fundamento:

[...] Perguntei se lembravam como eu havia terminado a aula anterior, poucos souberam explicar o que havia sido, mas tinham uma noção básica do que eu havia explicado sobre o ruck. Alguns lembravam que era uma situação de disputa de bola e que era necessário fazer uma casinha sobre a bola. Ótimo, já era um bom início de aula.

[...] Assim, pedi que um voluntário caísse calmamente no chão com a bola e utilizei mais dois para simbolizar os times opostos, constantemente questionando sobre qual seria a melhor posição para proteger a bola para um atleta do seu time, as respostas chegaram muito próximo da maneira mais adequada de efetuar este fundamento.

4.3.4 Considerações sobre a diretriz

A partir do ensino do rugby no viés desta diretriz, foi possível perceber que, diferentemente do esporte de alto rendimento, o ensino das habilidades motoras a partir da reflexão sobre seu princípio, possibilita que o aluno pense em seu movimento e suas possibilidades, evidenciando assim a subjetividade de cada e proporcionando que cada um se desenvolva da sua maneira.

Foi explicado aos alunos, que não cabia no tempo efetivo de aula o devido treino de cada habilidade referente ao esporte e que nas aulas, dificilmente, alguém aprimoraria significativamente o seu jogo, porém, com o treino é possível que as habilidades sejam melhoradas.

4.4 PROBLEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS EM GRUPO

Durante a prática pedagógica da Educação Física os alunos possuem a oportunidade de vivenciar práticas coletivas e de relação direta com seus colegas, situação inerente ao esporte.

De acordo com Kunz (2006, p. 142)

O aluno, em primeiro lugar, não descobre e não desenvolve experiências sozinho. É possível que os alunos trabalhem em pequenos grupos e se auxiliem mutuamente para superar certas barreiras do medo, da insegurança e da falta de alguma habilidade para a atividade pretendida. [...] Pode haver ainda, planejamentos conjuntos sobre os tipos de atividades ou habilidades que se preferem aprimorar ou para que tipo de problema do movimento se pretende encontrar solução.

Assim, a partir desta diretriz procuramos evidenciar a construção coletiva na relação aluno-aluno, em atividades que geram conflitos e proporcionam ambientes ricos para a problematização das situações, maximizando assim a necessidade de reflexão dos alunos na busca de soluções.

4.4.1 Aula 01

Em nossa primeira aula, houve um momento em que a falta de regras da atividade proposta permitiu que alguns garotos abusassem de algumas meninas, com contatos corporais mais próximos. Esta situação permitiu a reflexão histórica deste jogo e a problematização aconteceu a partir dos questionamentos do professor ao grupo na busca de uma solução democrática.

Assim, apresentamos o seguinte registro:

[...] A primeira foi logo em seguida na próxima partida, uma menina que estava com a bola correu e um grupo de garotos a acompanhou e seguraram a bola junto com ela, de repente, fecharam um círculo em sua volta e aproveitaram para fazer alguns atos desrespeitosos com a aluna, parei a aula imediatamente, meio à algumas risadas a jovem não ficou muito constrangida e até levou na brincadeira, chamei atenção do grupo lembrando a conduta combinada em sala e atentando ao respeito às meninas, perguntei por que ao tomar a bola de um garoto era de uma maneira e com a garota foi diferente com excesso de contato corporal de cunho sexual, pedi que respondessem uma melhor maneira de efetuar a jogada quando as meninas estivessem de posse da bola. Alguns alunos sugeriram

alterações nas regras, entre elas: parar ao ser tocado, ter que passar a bola após alguns passos, colocar a bola ao ser tocado.

4.4.2 Aula 02

Nesta aula estávamos estudando o processo de sistematização de regras que o *folk-football* passou até se transformar no rugby, sendo assim debatemos brevemente sobre quais regras seriam necessárias para que o jogo se tornasse mais justo.

A partir disto, encontramos o seguinte relato:

[...]A aula caminhou para o final, em que sentamos no centro da quadra e perguntei o que acharam do jogo. Houve comentários como confuso, muitas interrupções, meninas que não se movimentam, mas a maioria se divertiu no jogo. Expliquei que as paradas foram para eles vivenciarem o processo de surgimento de regras novas, pois os esportes nem sempre foram como conhecemos hoje, fui bem aceito pela turma.

4.4.3 Aula 05

Como já apresentado, nesta aula o professor desenvolveu juntamente aos alunos, algumas jogadas hipotéticas no quadro, desenhando um campo e rugby e seus jogadores de acordo com que os jovens iam falando. Sempre intermediando este processo, o professor alcançou esta diretriz ao estimular a reflexão dos alunos para pensarem nas atividades feitas e nos vídeos assistidos para formular as jogadas, de acordo com isso, apresentamos o seguinte relato:

Assim, desenhei um campo de rugby no quadro, pois os alunos já haviam visto o campo e pedaços de um jogo em outra aula. Posicionei os jogadores em campo com círculos, disse que o árbitro havia apitado para começar o jogo e perguntei o que os jogadores deveriam fazer. De cara as respostas foram vagas, permiti que relembassem o touch rugby e perguntei novamente, várias respostas interessantes surgiram, já disseram que o ataque deveriam correr em forma que o portador da bola estivesse à frente de todo mundo, e os demais formassem uma diagonal a partir de sua posição. Já a defesa deveria sempre estar em forma de parede frente ao ataque, cada jogador marcando um oponente. Neste momento fiquei feliz ao notar que boa parte dos alunos que praticaram o touch rugby e tiveram dificuldade na prática, sabiam mesmo assim, conceituar o que deveriam fazer ao jogar.

4.4.4 Considerações sobre a diretriz

Entendemos que o estímulo à reflexão colabora para efetivar um ensino crítico da Educação Física na escola, permitindo que os alunos repensem sobre as possibilidades da prática esportiva em diversos contextos.

Para Palma (2008), para nossa área ser um espaço concreto para a construção da motricidade é necessário a constante abstração pelos estudantes. Sendo assim, ao fomentar que os alunos refletissem sobre as melhores saídas para a situação problema na primeira aula, ao pedir que fossem pensadas situações para a melhoria da segurança no jogo e ao estimular a reflexão acerca das jogadas, o professor acaba por colocar em cheque modelos pré-determinados que regem o fenômeno esportivo, a partir daí, possibilitando que o aluno passe a questionar as diversas encenações do esporte.

4.5 CONTEXTUALIZAÇÃO COM A REALIDADE SOCIAL

Por fim, apresentamos esta diretriz que trata da contextualização da encenação esportiva no contexto cotidiano do aluno. Entendemos que ela completa um ciclo que se bem organizado, compreendido e efetivado pelo docente, o ensino do esporte se concretiza de forma crítica e emancipatória.

De acordo com BRASIL (2000), contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa, em primeiro lugar, assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto, além de que, o tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo.

Essa diretriz apresentou-se de forma mais sucinta em nosso bloco de aulas, ficando em segundo plano durante o começo do ensino deste conteúdo e aparecendo de forma mais clara no final, em forma de trabalho de pesquisa para os alunos.

4.5.1 Aula 03, 09 e 10

Estas três aulas compuseram nosso momento de contextualização com a realidade social de forma mais clara, sendo assim, foi preferível apresentá-las juntamente nesta parte do trabalho.

A aula 03 foi expositiva sobre a história do rugby, porém, ao final o professor pediu que os alunos pesquisassem três aspectos, a torcida do rugby, a arbitragem e o “espírito” do rugby, termo usado para definir a solidariedade entre times e companheirismo muito presente entre as partidas e após elas em confraternizações.

Já a aula 09 foi utilizada para uma revisão sobre o conteúdo para avaliação formal da escola em que o estudo foi realizado e a organização dos aspectos referentes ao trabalho que seria feito. A pesquisa dos alunos consistiu em, com a ajuda do professor, pesquisar na cidade ou na internet alguns atletas de rugby que pudessem responder à uma entrevista estruturada pelo docente. Essa entrevista abordou diversos aspectos sobre o rugby no contexto social dos alunos, como as dificuldades para atletas amadores, os patrocínios e a mídia, a diversão em se praticar essa modalidade, entre outras.

Na aula 10, o objetivo era o debate sobre os aspectos pesquisados na terceira aula e os resultados da entrevista.

A partir disso encontramos os seguintes relatos referentes à aula 10 em nosso jornal de pesquisa:

Metade dos alunos fizeram o trabalho, desapontado, disse que faríamos um debate fora da sala sobre os resultados obtidos na pesquisa. Escolhemos que seria melhor utilizar a quadra, pois estava sendo intervalo do ensino médio naquele momento. Ao chegar na lá, fiquei feliz por notar que já haviam se organizado em círculo no centro da quadra, de modo que todos possam se ver e deixaram um espaço para mim, obviamente tive que desmontar algumas “panelinhas” para evitar conversa paralela. Perguntei sobre o que tinham achado do trabalho, quem haviam conhecido e se aprenderam algo. Foram várias as respostas, alguns empolgados em excesso, disseram que gostariam de praticar rugby, outros disseram achar interessante o companheirismo relatado pelos atletas e etc. Conduzindo o debate para as questões do trabalho, notamos que grande parte dos atletas de rugby ou começaram por curiosidade ou já praticava algum outro esporte de contato mais vigoroso, sendo que muitos derivaram do handebol, pude fazer a comparação de fundamentos com os alunos. Perguntei qual a diferença entre os atletas que eles entrevistaram, e, notaram que existem vários perfis dentro deste esporte, alguns são mais velozes e jogam em posições que necessitam esta habilidade e preferem jogar a modalidade sevens, enquanto, outros são mais fortes e lentos, jogam em posições avançadas e preferem o jogo de 15 que é mais parado. Questionei aos alunos sobre os aspectos subjetivos do rugby como o respeito da torcida, a arbitragem e o companheirismo, disseram que todos os jogadores relatavam ótimas experiências sobre a relação entre os atletas, respeito aos árbitros e etc. Expliquei que essa cultura advinha da origem do rugby na escola de Thomas Arnold, em que era permeada por uma disciplina (militar e cristã) que fazia os jogadores se considerarem cavalheiros, o que é bem característico da cultura inglesa.

4.5.2 Considerações sobre a diretriz

Apresentamos esta diretriz por último, porém não menos importante e, em nosso caso estas aulas foram deixadas para o final devido a organização das aulas e ao calendário da escola em que realizamos a pesquisa. A relação com o cotidiano deve abranger todo o momento da prática pedagógica de modo a fornecer base para as reflexões na aula, sempre ao lado das demais diretrizes abordadas neste trabalho.

De acordo com Brasil (2000), é necessário levar em conta que nenhum aluno é uma tabula rasa e que possui uma experiência de vida carregada de afetos e valores que ao longo do desenvolvimento aprende-se a abstrair e generalizar conhecimentos aprendidos espontaneamente, assim a contextualização contribui na transição de forma inversa entre o conhecimento abstrato para o concreto e particular, a fim de contribuir para que os alunos possuam uma melhor compreensão dos conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o problema inicial deste trabalho, que questionava sobre quais procedimentos eram necessários para efetivar o ensino do esporte na escola, especificamente nas aulas de Educação Física, a partir do viés crítico emancipatório. Nos propusemos a identificar os pressupostos desta teoria para formar a base para a prática pedagógica que seria efetivada em seguida. A partir disto, foram elaboradas e testadas algumas diretrizes que possuíam o objetivo de nortear a prática do professor desta disciplina.

Compreendemos assim, que a revisão teórica feita acerca do fenômeno esportivo e sua forte vinculação à Educação Física, foi de extrema importância, pois, nos ajudou a compreender que esta prática social está em constante mutação e se transforma de acordo com os interesses da sociedade, cabendo ao professor proporcionar que o aluno reflita sobre estes aspectos a partir do conhecimento construído e debatido nas aulas.

Notamos assim que as práticas tradicionais não colaboram para a compreensão do fenômeno a partir de sua trajetória histórica e o aborda somente de forma pronta e estereotipada, tornando-o assim uma prática excludente, em que somente se sobressaem parte da população envolvida na escola, sendo assim, antidemocrático.

Com a plena noção de como o esporte se construiu em nossa sociedade o professor deve possuir uma base pedagógica sólida para efetivar seu ensino de forma crítica, sabendo que o professor já não é mais o detentor de todo o conhecimento, justamente porque este não está pronto e acabado, mas sim em constante construção na sociedade, tornando assim um intermediador dos saberes e colaborando para que os alunos o construam de forma autônoma.

Assim, durante o processo de elaboração deste trabalho, especificamente no momento do ensino, foi possível perceber que esta prática causou certo estranhamento por parte dos alunos, principalmente aqueles acostumados com um ensino mais tradicional. Entretanto, foi perceptível os avanços em pouco tempo no nível de compreensão sobre o esporte estudado. Sabemos que as aulas de educação física não são mais o ambiente de formação de atletas, assim, em dez aulas não foi possível fazer com que os alunos jogassem o rugby com a precisão e desempenho de quem treina, porém, as avaliações mostraram que os jovens compreenderam o esporte, inclusive sabendo onde

encontrar mais referências e práticas caso quisessem praticar ou se aprofundar no assunto.

Por fim, entendemos que a partir da efetivação deste trabalho, colaboramos para construir uma Educação Física em superação ao tradicionalismo, buscando quebrar alguns paradigmas colocados pelo senso comum.

A partir do que discutimos, concluímos que o esporte não educa por si só, quem educa são professores empenhados em sua função social e fundamentados em bases pedagógicas sólidas, somente eles podem ajudar a construir uma educação mais democrática e que forma sujeitos críticos e emancipados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. B.; HESS, R. 2010. O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo – Brasília: Liberlivro, 2010
- BETTI, M. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, 1990.
- COLLINS, T. A social history of english rugby union. New York: Routledge, 2009
- DEMO, P. Introdução à metodologia da ciência. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- DUNNING, E e SHEARD, K. Barbarians, Gentlemen and Players: A Sociological Study of the Development of Rugby Football. 2ª Ed. Abingdon: Routledge, 2005
- ELIAS, N; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.
- FAZENDA, I. Metodologia da pesquisa educacional. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002
- FAZENDA, I. Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papyrus, 1995.
- FREIRE, J. B. Pedagogia do esporte. IN: Congresso Latino-Americano, 3., Foz do Iguaçu, PR. 1996. Coletânea 3. Congresso Latino-Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano, 30 de junho a 05 de julho de 1996. Cascavel, Gráfica Universitária, 1996.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- _____. Pedagogia do Oprimido. 43ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006
- LUCKESI, C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1990
- MARCONI, M; LAKATOS, E. Fundamentos de metodologia científica. 6ªEd. São Paulo: Atlas, 2009.
- MIZUKAMI, M. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986
- MORIN, E. A Cabeça bem feita: repensar a reforma e reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- PALMA, J. O esporte na escola como conteúdo da Educação Física. IN: Representações sociais e o imaginário esportivo. Londrina: Lazer & Sport, 2008

PALMA, et al. Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio. 2ª Ed. Londrina: Eduel, 2010

PARANÁ, Governo do. Diretrizes curriculares da educação básica: Educação Física. Secretaria de estado da educação do Paraná – Departamento de Educação Básica, 2008

PIMENTA, S; ANASTASIOU, L. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002

SACRISTAN, J. G. Compreender e transformar o ensino. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 1998.

SANTOS, M. S; OLIVEIRA, R.A.. O registro da aula: A construção do processo de autoria nas aulas de Didática. Olhar de Professor. Ponta Grossa, v. 8, n. 001, 2005.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações. 3ª Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992

SÉRGIO, M. Motricidade Humana: Contribuições para um paradigma emergente. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 1994

SOARES, C.L, et al. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012

TUBINO, M. Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

TRIVINOS. A; NETO, V.M. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 2. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS / Sulina, 2004

ANEXOS

Anexo A – Aula 01

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Primórdios do jogo e “folk football”

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Vivenciar o “folk football”
- Identificar as dificuldades vividas pelos praticantes deste jogo
- Compreender a necessidade da formação de regras

• **MATERIAIS**

- Uma bola

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

O professor irá relembrar com os alunos o conteúdo estudado anteriormente, em que eles vivenciaram o processo histórico de surgimento de um esporte, até fundarmos um esporte em nossa sala baseado em vários jogos conhecidos.

O professor irá conversar com os alunos em sala e pedir que imaginem um retrocesso ao século 16 e tentem pensar sobre como era a vida naquela época. Dizendo que não existiam muitos jogos sistematizados e nem o esporte como conhecemos hoje, mas que na Europa as pessoas praticavam um jogo chamado “folk football” e que se relaciona direto com o surgimento dos esportes modernos.

Assim, os alunos irão para a quadra.

Atividade 01: “folk football”

Espaço: Qualquer ambiente aberto. Basta definir as metas, que podem ser uma marcação no chão ou um lugar combinado.

Desenvolvimento: O professor joga a bola para cima e dois alunos disputam a bola no ar e, a partir daí, qualquer jogada é válida, podendo passar e correr livremente.

Obs: Este jogo por ser uma representação de uma prática antiga, não possui regras, cabe ao professor estabelecer regras de segurança, neste caso o será combinado que ao oponente tocar o portador da bola com as duas mãos, este deve parar e efetuar um passe que poderá ser interceptado.

Questões norteadoras:

Qual a sensação de praticar este jogo sem regras? Ele se parece com algum jogo conhecido? Se sentiram seguros ao efetuar as jogadas? Todos conseguiram jogar de forma igual? Alguém se sentiu excluído da prática? Alguém jogou a mais que os outros? Qual a maior dificuldade deste jogo? Como fazer para este jogo ficar mais agradável? Quais regras poderiam melhorar esta prática?

Anexo B – Aula 02

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Percurso histórico do rugby

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Vivenciar a transformação e adaptação de novas regras em um jogo
- Identificar os princípios do jogo de acordo com a mudança das regras
- Compreender que a aparência do jogo muda de acordo com suas regras

• **MATERIAIS**

- Uma bola; coletes

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Esta aula é uma continuação da atividade da anterior, o professor irá avançar no “folk football” adicionando regras de modo a tomar características do rugby, na mesma sequência da sistematização histórica deste esporte.

Atividade 01: “folk football”

Espaço: Qualquer ambiente aberto. Basta definir as metas, que podem ser uma marcação no chão ou um lugar combinado.

Desenvolvimento: O professor joga a bola para cima e dois alunos disputam a bola no ar e, a partir daí, qualquer jogada é válida, podendo passar e correr livremente.

Modificações: Definir o campo retangular; definir as metas no fim do campo; parar ao toque com duas mãos por um oponente (simulando o tackle); passes para trás (dando cara ao rugby)

Questões norteadoras:

O que mudou no jogo ao colocarmos cada uma dessas regras? Sentiram-se mais seguros para jogar ao adicionar a regra do toque com as mãos? Com que esporte este jogo se assemelha? Quais táticas foram necessárias para que um time conseguisse fazer ponto? Qual a sensação de jogar efetuando somente passes para trás? Qual a maior dificuldade desse tipo de passe? Muda muita coisa ao adicionar uma nova regra? E se a regra fosse para conduzir a bola com os pés, o que aconteceria?

Anexo C – Aula 03

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: História do rugby

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Identificar os fatos históricos que contribuíram para a formação do rugby e do esporte moderno
- Compreender que a história oficial do rugby é diferente da verdadeira.

• **MATERIAIS**

- Computador, Data show

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Nesta aula o professor irá relembrar o acontecido nas aulas anteriores em que os alunos vivenciaram o surgimento do rugby e irá apresentar em slides os fatos históricos que contribuíram para o aparecimento deste esporte, diferenciando a história oficial que é encontrada de forma simplista e errônea em sites e revistas da versão verdadeira do surgimento desta prática e sua relação com o desenvolvimento do esporte moderno.

Em um primeiro momento os alunos verão um vídeo de uma partida de rugby, sem nenhuma explicação do professor para em seguida apresentar os slides que possuem a seguinte ordem: história oficial do rugby (webb ellis); práticas de bola desde os tempos remotos; relatos sobre jogos de bola na época medieval; jogo praticado na cidade de Rugby; discordância entre jogar com as mãos e jogar com os pés; necessidade de regras únicas; surgimento do rugby e surgimento do futebol; esportes derivados do rugby.

Por fim, irá mostrar alguns vídeos de rugby e suas derivações como o futebol americano e o futebol australiano e pedir uma tarefa que consiste em uma pesquisa sobre o “espírito do rugby”, a arbitragem e o comportamento da torcida.

Questões norteadoras:

Já ouviram falar de algum desses jogos de bola apresentados? Qual o “parentesco” do rugby com o futebol?

Anexo D – Aula 04

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Touch Rugby

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Identificar o princípio do passe para trás e das posições de ataque e defesa do rugby
- Vivenciar o touch rugby

• **MATERIAIS**

- Bola de rugby e coletes

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

O professor irá relembrar com os alunos os vídeos de rugby vistos na aula anterior e pedir que os alunos pensem em alguns aspectos para podermos praticar o touch rugby na quadra.

Desenhando um campo no quadro irá questionar sobre qual o melhor posicionamento para uma saída de jogo e desenhar explicando. Em seguida irá relembrar a lógica dos passes para trás, posicionando no desenho os jogadores e pedindo que os alunos apontem onde os parceiros devem estar para receber a bola (que somente pode ser passada para trás) e onde o oponente deve estar para conseguir marcar.

Assim, pedirá que os alunos se dirijam para a quadra.

Na quadra e com dois times separados irá relembrar os conceitos de ataque (portador da bola sempre à frente) e defesa (sempre em parede em que cada um marca o oponente da frente) vivenciados e apresentar as regras para a prática do “touch rugby”.

Atividade: Touch Rugby

Espaço: Quadra de futsal

Desenvolvimento: Com dois times, o objetivo é alcançar o fundo da quadra adversária e tocar a bola no chão. O portador da bola deverá parar ao ser tocado, colocar a bola no chão e efetuar um passe para um colega, após 5 vezes a bola muda de posse.

Questões norteadoras:

Quais as maiores dificuldades dessa partida? Qual a semelhança com o “folk football”? Como é ter que estar atrás para receber? Como ficaria o jogo se fossem permitidos passes para a frente? Qual a melhor maneira de passar a bola? Qual a melhor maneira de jogar para fazer ponto? Qual a melhor maneira de se defender?

Anexo E – Aula 05

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Lógica de uma partida de rugby

- **OBJETIVO(S) DA AULA**
 - Identificar a lógica de uma partida de rugby
 - Reconhecer o fundamento de algumas jogadas

- **MATERIAIS**
 - Quadro e giz

- **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Nesta aula o professor irá apresentar a lógica de uma partida de rugby, relacionando com os vídeos apresentados na aula anterior que os alunos pouco compreenderam.

Assim em um primeiro momento irá questionar os jovens sobre o que acharam dos vídeos que assistiram e das práticas vivenciadas em aulas anteriores para identificar alguns pontos chave de dúvidas para explicar que serão debatidos nesta aula.

Será desenhado no quadro um campo de rugby, com as demarcações mínimas de modo que possibilite ao professor desenhar e apagar os jogadores. Assim, questionando os alunos o professor irá desenhar uma saída de jogo, de acordo com a posição que os alunos forem lembrando dos vídeos e da prática.

Desenhando os atletas avançando o professor deverá questionar para onde a bola deve ser passada de acordo com as situações desenhadas, para em seguida questionar como o jogador deve ser parado. Então irá apresentar o “tackle” explicando e escrevendo a definição da jogada no quadro.

Como tackle conceituado, questionará o que acontece em seguida e apresentará o “ruck”, explicando que é a situação de disputa de bola sem que o jogo pare. Feito isso, escreverá uma definição no quadro para que os alunos copiem.

Por fim, conduzirá uma jogada hipotética de modo a formar um “scrum”, para explicar que é uma disputa de falta que serve para inserir novamente a bola na jogada, anotando a definição no quadro.

Questões norteadoras:

Quais jogadas vocês lembram dos vídeos? Tinha alguma que parecia um “montinho”? Sabem o objetivo dela? Qual diferença faz com que o rugby seja um jogo corrido e o futebol americano pare toda hora? Acham o rugby um jogo violento? Por que? Os fundamentos reconhecidos nesta aula servem para garantir a segurança?

Anexo F – Aula 06

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Fundamentos do rugby: passe e ruck

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Vivenciar o passe do rugby de forma sistematizada
- Vivenciar o “ruck”
- Compreender a dinâmica do “ruck”

• **MATERIAIS**

- Bola de rugby

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

A partir desta aula os alunos vivenciarão alguns fundamentos do rugby, de modo a perceber a melhor maneira para efetuar.

Atividade 01: Passe de bola em círculo

Desenvolvimento: Os alunos devem posicionar-se em círculo, passar a bola para o colega do lado de acordo com as instruções do professor. Posteriormente o professor indica que os alunos fiquem de costas para o centro do círculo, de modo a efetuar o passe para trás.

Modificações: Virar de costas para o círculo; inverter a ordem de passes; colocar um aluno no centro para distribuir a bola.

Atividade 02: Passe em linha

Desenvolvimento: Os alunos posicionarão em linha, deverão efetuar passes caminhando ou correndo até o outro lado da quadra, o portador da bola sempre deve estar à frente e os demais devem seguir a lógica de organização em que formam um linha diagonal a partir do portador da bola, estando sempre em boa condição para receber.

Ao apresentar as atividades o professor deverá questionar os alunos sobre a melhor maneira de efetuar os fundamentos, apresentando o passe em pêndulo e pedindo que fiquem atentos ao contato visual com o parceiro que irá receber a bola.

Por fim o professor apresentará o ruck para que seja debatido de forma mais aprofundada na próxima aula.

Pedirá que alguns alunos possam formar-se de modo aos demais verem. Assim com um aluno no chão, outro ultrapassa a linha da bola apoiando-se nele, assim o será questionado qual a melhor maneira do oponente conseguir manter-se na frente da linha da bola e adquirir a posse.

Questões norteadoras:

Qual a melhor maneira de segurar a bola? Onde deve se posicionar para passar? E para receber? O que fazer assim que efetuar o passe? Onde deve mirar o passe de bola? Por que o “ruck” vira um montinho? Qual a melhor forma de manter-se firme apoiado ao chão? Como se proteger nessa situação? Qual a melhor maneira de tirar o equilíbrio do adversário protegendo a bola?

Anexo G – Aula 07

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Fundamentos do rugby: ruck e tackle

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Vivenciar o ruck e o tackle de forma sistematizada
- Compreender a lógica do “ruck” e do “tackle”

• **MATERIAIS**

- Bola de rugby, colchonetes

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Nesta aula o professor irá continuar com os fundamentos, debatendo melhor o “ruck” e introduzindo o “tackle”

Atividade 01: Ruck em trios

Desenvolvimento: Um aluno posiciona-se deitado no chão como se estivesse segurando a bola virado para seu time, seu colega deverá formar uma “casinha” e manter-se a frente da linha da bola. O outro deverá retirar a base do adversário de modo a ultrapassar a linha da bola para ganhar posse. Os alunos deverão revezar o papel.

Modificações: Aumentar o número de pessoas no grupo, fazendo com que eles se auxiliem em não deixar o primeiro perder sua base, formando o “montinho” parecido com o ruck.

Com essas atividades vivenciadas e discutidas o professor irá questionar os alunos o que deve acontecer para um atleta cair no chão de forma segura, chegando ao conceito de “tackle”.

Atividade 02: Levantar pela cintura

Desenvolvimento: Os alunos deverão ser divididos em duplas com altura e peso semelhante, marcar um espaço de aproximadamente um metro entre eles, dar um passo à frente, abraçar a cintura do outro e levantá-lo tirando suas bases. Os papéis se invertem.

Atividade 03: Tackle em duplas

Desenvolvimento: Em cima dos colchonetes, um aluno forma uma posição de “tackleador” enquanto o outro anda em sua direção, o primeiro abraça a cintura do portador da bola, retirando sua base e levando-o ao chão, de acordo com as instruções do professor.

Esta última atividade deverá ser bem controlada pelo professor de modo a instruir os alunos nas questões de segurança.

Ao apresentar as atividades o professor deverá questionar os alunos sobre a melhor maneira de efetuar os fundamentos, apresentando a melhor maneira de remover a base de um oponente, tanto para o “ruck” quanto para o “tackle”.

Questões norteadoras:

Qual a melhor maneira de manter-se à frente da bola? Como impedir que o oponente retire sua base? O que os outros do time podem fazer para melhorar o apoio? Como retirar a base do oponente? Qual a forma mais segura de derrubar um oponente? Onde devo segurar de modo a facilitar sua retirada do chão? Uma pessoa pequena pode derrubar uma grande? Qual a melhor maneira?

Anexo H – Aula 08

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Fundamentos do rugby: ruck e tackle

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Vivenciar o line out (lateral) e o scrum de forma sistematizada
- Identificar a posição dos jogadores no scrum
- Compreender a lógica do “line out” e do “scrum”

• **MATERIAIS**

- Bola de rugby, quadro, giz

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Em um primeiro momento, o professor irá relembrar com os alunos em que desenhamos no quadro algumas jogadas para conceituar. Deste modo, fará outro campo e irá relembrar as jogadas já estudadas e seu princípio.

Desta vez irá manipular a jogada hipotética de modo a aparecer um “scrum” e posteriormente um “line out”. Pedirá que os jovens relembram dos vídeos vistos algumas aulas atrás e passará o conceito dessas jogadas no quadro para que copiem.

Pedirá então que os alunos vão para a quadra

Atividade 01: Disputa de line out sem elevador

Desenvolvimento: A turma se divide em grupos de 5 pessoas, formam filas distanciando-se e o professor arremessa a bola no centro do corredor para que ela seja disputada.

Modificações: Combinar jogada com um time de cada vez, pedir que outro aluno arremesse a bola de cada vez.

Atividade 02: Formação de scrum

Desenvolvimento: O professor pedirá que os jovens se dividam em grupos de 3 pessoas, em que fique um mais leve que os demais no meio, deverão se unir de acordo com as instruções e formar um scrum, que será disputado com outro grupo.

Esta última atividade deverá ser bem controlada pelo professor de modo a instruir os alunos nas questões de segurança.

Ao apresentar as atividades o professor deverá questionar os alunos sobre a melhor maneira de efetuar os fundamentos, apresentando a melhor maneira de saltar para pegar a bola e explicando que nos jogos alguns atletas são levantados de acordo com jogadas combinadas. Por fim questionará os alunos sobre a melhor maneira de

fazer força em um scrum, explicando que nossa atividade foi simplificada e nos jogos essa formação é feita com 8 jogadores de cada lado.

Questões norteadoras:

Onde os jogadores devem posicionar-se na saída de jogo? Qual o melhor jogador para saltar na disputa de bola do lateral? Como combinar as jogadas? Como apoiar da melhor maneira seu colega no scrum? Onde é o melhor lugar para segurar? Em que hora os jogadores devem fazer força no scrum?

Anexo I – Aula 09

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Revisão do conteúdo e trabalho de pesquisa

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Relembrar os principais aspectos do processo histórico do rugby
- Relembrar a lógica de uma partida de rugby
- Identificar os principais meios de pesquisa para o trabalho apresentado pelo professor.

• **MATERIAIS**

- Data show, quadro negro, pen drive, slides de apresentação

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Nesta aula o professor irá relembrar com os alunos os principais aspectos estudados neste bloco de conteúdo para a posterior avaliação bimestral da escola.


Em um primeiro momento irá passar os slides sobre a história do rugby, constantemente questionando sobre seus principais aspectos.

Em seguida, irá desenhar o campo de rugby e idealizar com os alunos uma jogada hipotética, pontuando cada tipo de jogada que acontece com seus nomes e objetivos.

Por fim, irá apresentar aos alunos um trabalho de pesquisa em que os jovens terão que pesquisar algum atleta de rugby local ou nacional, pessoalmente ou online e efetuar uma entrevista.

Para fechar a aula o professor irá explicar que os aspectos apontados na entrevista serão debatidos na próxima aula, juntamente com a pesquisa feita sobre a torcida, a arbitragem e o “espírito” do rugby.

Trabalho de entrevista:

	Nome do Aluno: _____ Nº _____ 71
	8º Ano – Ensino Fundamental Data : _____ Nota: _____
	Disciplina: Educação Física Valor: 20 Professor: Felipe Benassi

Durante o fim do terceiro bimestre e este, tivemos a oportunidade de estudar um esporte que vêm crescendo rapidamente no Brasil, o rugby. Agora chegou a hora de você conhecê-lo um pouco mais de perto com este trabalho final.

Londrina possui um time de rugby que por 12 anos, disputa títulos a nível estadual e nacional. O time conta com diversos(as) atletas e apoiadores e vêm crescendo nos últimos anos acompanhando o ritmo do rugby nacional.

Deste modo, procure um(a) atleta (masculino ou feminino) de rugby, pessoalmente ou online, entreviste-o a partir das seguintes questões.

Instruções:

- Os (as) atletas londrinenses podem ser encontrados online pelo endereço: (facebook.com/londrinarugbyclub).
- Existem diversos clubes espalhados pelo Brasil, pelo facebook é possível encontrar diversos atletas.
- Acontecem treinos aos domingos no aterro do lago Igapó a partir das 14h, onde treinam o time, juvenil, feminino e masculino consecutivamente até às 18h. (Em caso de campeonatos os horários são alterados)
- Peça “por favor” e veja se não vai atrapalhar ao pedir para entrevistar. Não esqueça de ser educado e agradecer no final.

Questões:

1. Nome:
2. Idade:
3. Há quanto tempo pratica o rugby? Em que clube?
4. Praticou algum outro esporte antes do rugby?
5. O que o fez gostar rugby?
6. Qual posição você joga? Explique sua função:
7. O que foi mais difícil em sua carreira no rugby?
8. Qual sua modalidade favorita entre 15 e sevens? Por que?
9. Qual o diferencial do rugby em relação aos outros esportes, principalmente o futebol?
10. Como você e seus colegas lidam com a arbitragem do jogo?
11. Como é a relação entre os atletas do mesmo time e dos times adversários?
12. Qual a melhor sensação de jogar rugby?

Anexo J – Aula 10

Bloco/eixo de conhecimento: O movimento e os esportes

Tema: Esportes coletivos de invasão

Subtema: Rugby

Assunto da aula: Debate sobre os aspectos relacionados à realidade do aluno e o esporte

• **OBJETIVO(S) DA AULA**

- Identificar as principais características do rugby local
- Compreender as relações entre o processo histórico do rugby e os reflexos nos dias de hoje
- Reconhecer possibilidades da prática do rugby como lazer ou rendimento na cidade de Londrina

• **MATERIAIS**

- Trabalho feito pelos alunos

• **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Em um primeiro momento o professor irá receber pedir que os alunos que fizeram a pesquisa deixem-na em cima da mesa e anotar os que fizeram.

Em seguida irá iniciar um debate, questionando sobre os resultados encontrados e as principais curiosidades sobre as respostas dos atletas. O debate pode ser feito em sala ou em outro ambiente, desde que os alunos estejam portando seus trabalhos.

Questões norteadoras: Quais as maiores dificuldades do rugby local? Tem que ser forte para jogar rugby? Rugby machuca? Como é a relação entre os atletas de times adversários? Como tratam o árbitro? A torcida, como se comporta? Encontraram conhecidos praticantes?